



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**FAMÍLIA, GÊNERO E SEXUALIDADE: UMA ANÁLISE DO DISCURSO DE PAIS DE  
MENINOS E MENINAS**

Maria Teresa de Assis Campos

UBERABA-MG  
2017

Maria Teresa de Assis Campos

**Família, Gênero e Sexualidade: Uma Análise do Discurso de pais de meninos e meninas**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Linha de pesquisa: Psicologia e Família.

Orientador: Prof. Dr. Rafael De Tilio

UBERABA-MG  
2017

**Catálogo na fonte: Biblioteca da Universidade Federal do  
Triângulo Mineiro**

C214f Campos, Maria Teresa de Assis  
Família, gênero e sexualidade: uma análise do discurso de pais de meninos e meninas / Maria Teresa de Assis Campos. -- 2017.  
83 f. : tab.

Dissertação (Mestrado em Psicologia)-- Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, 2017  
Orientador: Prof. Dr. Rafael De Tilio

1. Família - Aspectos psicológicos. 2. Identidade de gênero. 3. Sexualidade. 4. Maternidade. 5. Paternidade. 6. Análise do discurso. I. De Tilio, Rafael. II. Universidade Federal do Triângulo Mineiro. III. Título.

CDU 159.9-055.5/.7

MARIA TERESA DE ASSIS CAMPOS

**FAMÍLIA, GÊNERO E SEXUALIDADE: UMA ANÁLISE DO DISCURSO DE PAIS DE  
MENINOS E MENINAS**

Data da aprovação: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**Membros Componentes da Banca Examinadora:**

---

**Presidente e Orientador:** Prof. Dr. Rafael De Tilio  
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

---

**Membro Titular:** Profa. Dra. Tatiana Machiavelli Carmo Souza  
Universidade Federal de Goiás

---

**Membro Titular:** Profa. Dra. Marta Regina Farinelli  
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

**Local:** Universidade Federal do Triângulo Mineiro  
Instituto de Educação, Letras, Artes, Ciências Humanas e Sociais (IELACHS)

Dedico este trabalho à minha avó Tereza, que foi (e persiste em mim) mulher, luta e resistência.

## AGRADECIMENTOS

Ao André, por ser morada nos dias de chuva que muitas vezes se fizeram presentes ao longo dessa caminhada, por ser paciente nas noites em que precisei me ausentar de sua companhia para que este trabalho se tornasse possível e por ser amor em cada gesto;

À Marieta, por não me deixar esquecer a simplicidade da vida e das relações;

À minha irmã, pela lealdade nos dias bons e nos dias não tão bons, pelo colo quando seguir pareceu impossível e pelos fortuitos sorvetes em meios de semana que me resgatavam da amargura que era sentir-me só;

Aos meus pais, por me ensinarem a ter maturidade diante das indeterminações da vida, por me oferecerem amor mesmo quando parecia que não havia mais nada a oferecer e por nunca terem me perdido de vista;

Ao Prof. Dr. Rafael De Tilio, pelo aprendizado proporcionado desde o nosso primeiro encontro ainda na graduação e pelo suporte ao longo de todo meu percurso acadêmico. Mas, mais do que qualquer outra coisa, agradeço pela disponibilidade, confiança e gentileza de sempre. Sigo satisfeita por saber que, ao longo desses anos, não me faltou orientação no sentido mais amplo da palavra. Sou grata à sorte por ter percorrido essa trajetória ao seu lado e por saber que ela não se encerra aqui;

À Júnia, pela parceria incomparável, por ser sempre presença (nunca ausência), por fazer tudo parecer possível quando está por perto e por me lembrar o tempo todo que eu não caminho só;

Ao Wilbert, por me ajudar na minha fluência em portunhol, pela persistência em se manter acordado em nossas noites de jogos que viram o dia raiar e pelo apoio constante;

À Jaqueline, por zelar por mim a cada passo que dei desde o dia em que nossas inseguranças, ainda na infância, cruzaram-se pela primeira vez;

À Samira, por ser constante ponto de apoio, minha hóspede favorita e por ser turbilhão de amor e alegria em mim;

À Mandinha e à Marianna, pela sinceridade e transparência de um amor simples que me abraça todos os dias;

À Raíssa e à Marina, pelos encontros esporádicos tão recheados de amor, afeto e carinho que nunca perderam seus significados e importância;

À Izabella e Juliana, pelas tardes de promoção de saúde que me possibilitaram seguir, pelo acolhimento sempre de prontidão, pelo apoio infalível e por formarem junto a mim o melhor grupo de pesquisa que você respeita;

À Janaína, por ser destino certo nas tardes de incerteza e por ser simplicidade quando tudo pareceu confuso;

Aos queridos Thiago, Felipe e Gustavo, pelas madrugadas de Dota, cachorros-quentes rateados e amizade honesta desses anos;

Aos meus queridos Alec, Maria, Elzinha, George, Tia Elza, Tio Antenor e Letícia, por serem sempre torcida, entusiasmo e alegria a cada encontro;

Aos meus queridos Tio Emílio, Tia Valdete, Allan, Juliana e Ninho, pelo sorriso no rosto a cada conquista que tive e por serem amparo nos momentos em que tropecei;

Aos Padrinhos Guilherme e Thaísa, por abrirem sua casa, vida e história para que eu pudesse delas fazer parte;

Ao Ricão e ao Heitor, por me fazerem tia por escolha e darem novo sentido, tom e melodia a tudo que vivo e sou;

Aos meus sogros, cunhado, avó e primos Marcos, Ygor e Ana Laura, por fazerem de mim família;

A Lu, por ser Veludo, socorro, competência e amor todos os dias;

Ao Prof. Dr. Fabio Scorsolini-Comin, por possibilitar meu encontro com a pesquisa e por me ajudar a encontrar nela sentido, amor e satisfação;

Às Profa. Dra. Sabrina Martins Barroso e Cibele Chapadeiro, por serem exemplo de cuidado e humanidade nas relações e pelos acolhimentos sempre afetuosos;

À Profa. Dra. Rosimar Alves Querino, por ser exemplo de luta e resistência e uma mulher inspiradora;

Às Profa. Dra. Tatiana Machiavelli Carmo Souza e Marta Regina Farinelli, pela gentileza, disponibilidade e pelas contribuições e apontamentos na Banca de Qualificação;

Aos estudantes para os quais tive o prazer de ensinar e com os quais muito pude aprender, por oferecerem sentido a escolha de estar no mestrado, por me receberem de peito aberto e pelo carinho em cada troca e encontro;

Aos participantes desta pesquisa que, de maneira solícita e corajosa, abriram as portas de suas casas e de suas histórias para que eu as pudesse visitar;

À Deus, por sua constante generosidade, compaixão e amor, e por me possibilitar todos os encontros descritos até aqui;

À CAPES, pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa.

## SUMÁRIO

<b>Resumo</b>	1
<b>Abstract</b>	2
<b>Apresentação da Dissertação</b>	3
<b>Estudo 1</b>	7
Resumo	7
Introdução, justificativa e objetivo	8
Método	9
Resultados e Discussão	14
Considerações Finais	35
Referências	37
<b>Estudo 2</b>	40
Resumo	40
Introdução, justificativa e objetivo	41
Método	42
Resultados e Discussão	47
Considerações Finais	64
Referências	65
<b>Considerações Finais da Dissertação</b>	68
<b>Referências da Dissertação</b>	72

## RESUMO

Campos, M. T. A. (2017). *Família, Gênero e Sexualidade: Uma Análise do Discurso de pais de meninos e meninas*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, Brasil.

A família representa instituição referência tanto na ordem social, quanto no desenvolvimento de seus membros. Ela comumente caracteriza-se como o primeiro núcleo de socialização dos sujeitos, tendo forte relevância na constituição de suas identidades e subjetividades. Frequentemente ela é significada como lócus de afeto, amor e acolhimento, porém as relações estabelecidas em seu interior estão sujeitas a formatações hierárquicas, que criam espaços para o aparecimento (ou manutenção) da dominação e da violência, muitas vezes apoiadas em normatizações de gênero. No entremeio das relações humanas, inclusive as familiares, estão os discursos, sustentando determinadas práticas, normas e ideologias, que mediam comportamentos e produzem sentidos, inclusive sobre sexualidade e gênero. Diante dessas questões, este estudo buscou identificar alguns dos sentidos produzidos sobre gênero e sexualidade no contexto familiar, a partir de duas perspectivas: no estudo um identificando as Formações Discursivas sobre a maternidade e a paternidade e no estudo dois identificando as Formações Discursivas sobre o feminino e o masculino. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória e de corte transversal. Participaram do estudo cinco casais heterossexuais, coabitando há pelo menos dez anos e que possuíam pelo menos um filho e uma filha entre quatro e dezesseis anos. A coleta de dados foi realizada por meio de dois roteiros de entrevista semiestruturada, um para a aplicação individual com os cônjuges e um para a aplicação conjunta. Todas as entrevistas foram realizadas no mesmo dia, uma em seguida da outra, começando pelas individuais, a partir da ordem escolhida pelos participantes, e finalizando com a aplicação com o casal. As entrevistas foram audiogravadas e transcritas na íntegra. Posteriormente, os dados foram organizados e analisados à luz da Análise do Discurso de Pêcheux. Constatou-se que os participantes acentuam em seus discursos diferenças entre o masculino/pai e o feminino/mãe, e essas diferenças são apontadas por eles, de maneira direta ou indireta, como diretrizes que norteiam a divisão de tarefas, a rotina familiar, suas práticas referentes à parentalidade e o modo como educam os seus filhos. Essa diferenciação se sustenta em um apagamento histórico da construção social dos estereótipos de gênero, travestindo-o em algo dado, natural e biológico. Dessa maneira, homens/pais e mulheres/mães se adequam a papéis previamente estipulados na Formação Ideológica vigente (heteronormativa, binária e de dominação masculina) respondendo não a uma condição biológica, mas sim à Formações Imaginárias que os situam discursivamente, cerceando suas possibilidades de ser e orientando suas identidades, práticas e escolhas. A reiteração constante dos discursos tradicionais sobre sexualidade e gênero no âmbito familiar contribui para a cristalização de normativas que favorecem as relações de dominação e exploração, já que a família é responsabilizada por garantir que os sujeitos estejam adequados à Formação Ideológica em que estão inseridos. Por fim, a diferenciação entre o masculino e o feminino exerce papel crucial na sustentação dos modelos de produção capitalista, pois restringe os sujeitos às atividades designadas pela divisão social (e sexual) do trabalho, porém quando atravessada pela linguagem e pela Ideologia o faz de maneira que os mesmos internalizem esses valores e práticas sob a perspectiva da escolha ou do natural, mantendo a ilusão de autonomia sobre si e sobre a própria produção discursiva.

**Palavras-chave:** Sexualidade. Gênero. Maternidade. Paternidade. Análise do Discurso.

## ABSTRACT

Campos, M. T. A. (2017). *Family, Gender and Sexuality: A Discourse Analysis of Parents of Boys and Girls*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, Brasil.

The family represents a reference institution both in the social order and in the development of its members. It is commonly characterized as the first nucleus of socialization of subjects, having a strong relevance in the constitution of their identities and subjectivities. Often it is signified as the locus of affection, love and acceptance, but the relationships established within it are subject to hierarchical formations, which creates spaces for the emergence (or maintenance) of domination and violence, often supported by gender norms. In the midst of human relations, including family relations, are the discourses, supporting certain practices, norms and ideologies, which mediate behaviors and produce meanings, including sexuality and gender. In view of these questions, this study sought to identify some of the meanings produced on gender and sexuality in the family context, from two perspectives: in the study one identifying the Discursive Formations on motherhood and fatherhood and in the study two identifying the Discursive Formations on the feminine and the masculine. This is a qualitative, exploratory and cross-sectional research. Five heterosexual couples, cohabiting for at least ten years and having at least one son and one daughter between four and sixteen years old, participated in the study. Data collection was done through two semi-structured interview scripts, one for the individual application with the spouses and one for the joint application. All the interviews were performed the same day, one after the other, starting with the individual ones, from the order chosen by the participants, and ending with the application with the couple. The interviews were audiographed and transcribed in full. Subsequently, the data were organized and analyzed in the Pêcheux Discourse Analysis. It was found that the participants accentuate in their discourses differences between the men / father and the women / mother, and these differences are pointed out by them, directly or indirectly, as directives that guide the division of tasks, the familiar routine, their parenting practices and how they educate their children. This differentiation is based on a historical erasure of the social construction of gender stereotypes, traversing it into something given, natural and biological. In this way, men / fathers and women / mothers fit the roles previously stipulated in the current Ideological Formation (heteronormative, binary and male domination) responding not to a biological condition, but to the Imaginary Formations that situate them discursively, limiting their possibilities of being and guide their identities, practices and choices. The constant reiteration of traditional discourses about sexuality and gender in the family contributes to the crystallization of norms that favor the relations of domination and exploitation, since the family is responsible for ensuring that the subjects are adequate to the Ideological Formation in which they are inserted. Finally, the differentiation between the masculine and the feminine plays a crucial role in sustaining the models of capitalist production, since it restricts subjects to the activities designated by the social (and sexual) division of labor, but when it is crossed by language and ideology, So that they internalize these values and practices from the point of view of choice or the natural, maintaining the illusion of autonomy about themselves and about the discursive production itself.

**Keywords:** Sexuality. Gender. Motherhood. Fatherhood. Discourse Analysis.

## APRESENTAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

Esta dissertação constitui-se como o desdobramento, e não resposta, de questionamentos que se deram ainda na graduação. Já na primeira iniciação científica, a qual tive o prazer de realizar sob orientação do Prof. Dr. Fabio Scorsolini-Comin, interessei-me pelos temas mediunidade e umbanda. Lembro-me de ali já sentir arder a curiosidade sobre o modo como o ingresso na umbanda, enquanto ampliação das possibilidades discursivas das médiuns, tinha impacto positivo em suas vidas, ao passo que essa mesma inserção lhes trazia prejuízos correspondentes à discriminação por frequentarem uma religião de matriz africana.

Nesse conflito entre os aspectos positivos e negativos na esfera particular dos sujeitos, mas que respondiam a algo que era de ordem coletiva, tive minha primeira conversa, quase formal, com a Psicologia Social, que desde então passou a nortear meus interesses de atuação e pesquisa. Diante dessa nova diretriz, da proximidade da conclusão da minha graduação e de uma discussão crescente acerca da redução da maioria penal propus minha segunda iniciação científica (da qual se desdobrou meu Trabalho de Conclusão de Curso) ao Prof. Dr. Rafael De Tilio, com quem formalizei meus laços junto à Psicologia Social e, para minha alegria, caminho desde então sob sua orientação.

Nessa proposta buscava investigar as concepções, crenças e determinações de estudantes de Psicologia a respeito de jovens autores de atos infracionais. Nas buscas pela melhor metodologia deparei-me, pela primeira vez, com a Análise do Discurso e me lembro muito bem do quanto esse encontro foi revolucionário para mim e em mim. Imediatamente a sugeri como referencial teórico e metodológico para nossa pesquisa e, sob suporte do meu orientador e de maneira bastante determinada e corajosa fiz minha primeira análise discursiva.

O contato com o feminismo foi o próximo passo para que eu chegasse até esta pesquisa. Interessei-me por aspectos de gênero, da sexualidade e pela militância. Não precisei me movimentar muito nesse campo para que já sentisse as amarras que também me prendem enquanto mulher. Por coincidência ou sorte, esse campo teórico faz parte dos interesses de pesquisa do Prof. Dr. Rafael De Tilio, que novamente seguiu comigo nesse percurso de descobertas, angústias e transformações.

Pesquisar na linha Psicologia e Família reflete o interesse em lançar o olhar sobre questões cotidianas que são perpassadas por aspectos de gênero, como os relacionamentos familiares, mas que desempenham papel fundante na transmissão de normatizações e sentidos que balizam subjetividades, identidades e práticas sociais (Foucault, 2014). E mais do que qualquer coisa, a utilização dos discursos (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014) como ferramenta de investigação tem como intuito apontar para o poder cristalizador da linguagem nesses processos, mas também para sua dimensão como recurso capaz de questionar os estereótipos de gênero e suas implicações deterministas.

Ao longo da coleta de dados as histórias, relatos e discursos ganharam vida e constituíram seus próprios sentidos, e aqueles que se levantaram mediante a temática proposta por esta pesquisa traziam à baila constantemente a diferenciação de gênero e a parentalidade. Uma vez que esses são aspectos recorrentes em debates sobre sexualidade e gênero, propôs-se que o Estudo um lançasse luz a maternidade e a paternidade, enquanto o Estudo dois se debruçasse sobre os discursos acerca das diferenças estabelecidas entre o masculino e o feminino.

Lançar mão desses estudos possui, em última instância, o objetivo de instrumentalizar, tanto teoricamente, quanto na prática, perspectivas que combatem as relações desiguais entre gêneros, produtoras de opressão, violência e discriminação. Utilizar o espaço acadêmico, tradicionalmente

concebido como contexto de produção de verdades, possibilita ganhar espaço nas disputas discursivas, explorando as Relações de Força que, a partir do imaginário, perpassam a comunicação e a produção de sentidos (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014), fortalecendo ideologias que questionem a naturalização dos estereótipos de gênero e todos os seus desdobramentos.

A família caracteriza-se aqui como uma das instituições chave na possibilidade de reconfiguração das relações de gênero. Nela encontram-se papéis sexuais tradicionais que reafirmam a ordem hierárquica na qual as normatizações de gênero estão pautadas, como a maternidade e a paternidade (Beauvoir, 1980). Ela também se caracteriza, comumente, como o primeiro núcleo responsável pela socialização dos sujeitos (Sales, 2014; Souza & Langaro, 2011), além de possuir destaque na organização social, sendo valorizada social, histórica e culturalmente, passando por um processo de naturalização em seu modelo nuclear burguês, a ponto de seu possível desaparecimento despertar medo e insegurança (Goldani, 1993).

Dizer isso significa compreender a família como uma articulação social que media, de maneira direta e constante, a relação entre as dimensões do individual e do coletivo, dessa forma investigar como os discursos são construídos no interior das famílias e, a partir das investigações, desenhar possibilidades de novas produções discursivas em seu interior abre espaço para ressignificações do masculino e do feminino que impactariam tanto à nível individual (na constituição das subjetividades e identidades dos sujeitos), quanto à nível coletivo (possibilitando a ocupação de novas posições discursivas pelos os sujeitos).

E, por fim, nesse enlace que envolve família, gênero e linguagem, este estudo pretende auxiliar na caminhada para a equidade entre os sujeitos, para a transformação social e para a dignidade humana, ampliando as possibilidades de ser, desejar e existir. A luta e a resistência

podem se dar em inúmeras instâncias e a partir de um sem-número de maneiras, deixo aqui então, um pouco da minha contribuição.

## **Parentalidade nos discursos: A produção de sentidos sobre maternidade e paternidade.<sup>1</sup>**

### **Parenting in discourses: The production of meanings about motherhood and fatherhood.**

#### **Resumo**

O objetivo desta pesquisa foi identificar quais Formações Discursivas balizam os sentidos produzidos sobre a maternidade e a paternidade nos discursos de pais de meninos e meninas. Os cônjuges foram entrevistados individual e separadamente, em um total de 5 casais e 15 entrevistas, analisadas à luz da Análise do Discurso de Pêcheux. As principais formações discursivas sobre parentalidade são distintas e situam o pai como provedor e a mãe como responsável pela casa e filhos. Apesar da crença de que essa divisão se sustenta em características biológicas compreende-se que elas respondem a reiteração dos discursos que reafirmam papéis tradicionais de gênero, naturalizando-os e favorecendo as relações sociais de dominação e exploração típicas da sociedade de produção capitalista.

**Palavras-chave:** Gênero; Maternidade; Paternidade; Análise do Discurso.

#### **Abstract**

The aim of this research was to identify which Discursive Formations guide the senses produced on motherhood and paternity in the discourses of parents of boys and girls. The spouses were interviewed individually and separately, in a total of 5 couples and 15 interviews, analyzed in the light of Discourse Analysis. It was identified that the demands for men and women in the face of parenthood are distinct, placing the father as provider and the mother as responsible for the home and children. Despite the belief that this division is based on biological characteristics, it is

---

<sup>1</sup> Artigo submetido ao periódico Cadernos de Pesquisa e aguardando decisão editorial.

understood that they respond to the reiteration of discourses that reaffirm traditional gender roles, naturalizing them and favoring the social relations of domination and exploitation typical of the capitalist production society.

**Key-words:** Gender; Motherhood; Paternity; Discourse Analysis.

## **Introdução**

Muitas são as instituições de destaque na organização social e cultural atualmente ou em outros momentos da história, como as instituições religiosas, de ensino, jurídicas, de saúde, de cuidado, entre outras. Dentre elas é possível citar a família que, apesar de ter assumido diferentes configurações ao longo do tempo, mantém-se como uma instituição de destacada relevância social (Dessen, 2010).

Caracterizada como um dos primeiros ambientes de socialização a família é responsável pelo cuidado e desenvolvimento de seus membros e pela transmissão de valores e regras, desempenhando papel importante na constituição subjetiva e identitária dos sujeitos (Foucault, 2014; Sales, 2014; Souza & Langaro, 2011). Em meio às normatizações do convívio familiar encontram-se as relacionadas à sexualidade e o gênero, disponibilizando permissões e proibições para homens e mulheres (Ferreira & Aginsky, 2013).

Muitos são os marcadores de gênero que podem atravessar a família, determinando papéis e funções para os sujeitos, mas é importante destacar a maternidade e a paternidade que tradicionalmente estão associados à dinâmica familiar, exercem importante influência da divisão sexual do trabalho e balizam as rotinas, as identidades e subjetividades dos sujeitos submetidos ao exercício da parentalidade (Kergoat, 2009; Safiotti, 2001).

A partir de uma concepção de família que a compreende como gestora de si, sendo ela um marcador importante da diferenciação entre público e privado, cria-se a ideia de que o que ocorre

no contexto familiar diz respeito apenas aos que o integram. Porém, a valorização dos laços familiares em detrimento dos aspectos individuais de seus membros e da igualdade de gênero, bem como a crença na autonomia da família como lugar em que não se pode intervir, favorecem a violência advinda da sua organização hierárquica, podendo ela ser tão expressiva quanto a afetividade nas relações intrafamiliares e no desenvolvimento subjetivo de seus membros (Biroli, 2014).

Uma das ferramentas de transmissão de normas, valores e regras entre os membros da família e de constituição dos sujeitos são os discursos, que compreendem dizeres e fazeres que organizam os sentidos e tarefas. Os discursos respondem às ideologias sendo, portanto, possível observar as filiações ideológicas dos sujeitos que os produzem e a maneira como eles refletem a/na construção das relações sociais e na identidade dos sujeitos (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014).

Diante da necessidade de refletir sobre as relações de gênero no contexto familiar (visto que elas podem influenciar na manutenção da violência e da dominação) e de compreender os discursos como elementos de construção da realidade, da sociedade e da cultura, esta pesquisa tem como objetivo identificar quais Formações Discursivas (FD) balizam os sentidos produzidos sobre a maternidade e a paternidade nos discursos de pais de meninos e meninas.

## **Método**

### *Tipo de Estudo*

Trata-se de um estudo exploratório, baseado na abordagem qualitativa de pesquisa e de corte transversal.

## *Participantes*

Participaram da pesquisa cinco casais heterossexuais, com idades entre 32 e 45 anos, coabitando há pelo menos dez anos e pais de no mínimo um menino e uma menina com idades entre quatro e dezesseis anos. No Quadro 1 há uma caracterização específica de cada família participante, constando suas idades, idades e gêneros dos filhos e tempo de relacionamento.

Quadro 1. Tabela com informações referentes à idade do homem, da mulher, tempo de relacionamento e idade e gênero dos filhos.

<b>Casal</b>	<b>Idade do Homem</b>	<b>Idade da Mulher</b>	<b>Tempo de Relacionamento</b>	<b>Idade e Gênero dos Filhos</b>
Casal 1	43	33	14 anos	Filho 1: Menina, 14 anos; Filho 2: Menino, 10 anos; Filho 3: Menino, 3 anos; Filho 4: Menina, recém-nascida.
Casal 2	32	34	15 anos	Filho 1: Menina, 8 anos; Filho 2: Menino, 5 anos.
Casal 3	39	35	15 anos	Filho 1: Menina, 6 anos; Filho 2: Menino, 4 anos.
Casal 4	42	39	18 anos	Filho 1: Menino, 10 anos; Filho 2: Menina, 8 anos.
Casal 5	45	41	23 anos	Filho 1: Menina 16 anos; Filho 2: Menino, 11 anos.

Faz-se relevante salientar que as famílias selecionadas compunham agrupamentos distintos entre si com relação a diversos marcadores sociais, como etnia, classe, escolaridade (tanto dos participantes, quanto dos filhos), religião e, inclusive, moravam em cidades diferentes. Esse cuidado foi tomado no intuito de garantir que a produção discursiva não ficasse restrita a um grupo

homogêneo, porém o enfoque analítico foi mantido sobre os marcadores de sexualidade e gênero, como proposto no objetivo do estudo.

### *Instrumentos*

Foram utilizados para a coleta de dados dois roteiros de entrevista semiestruturados, sendo um para aplicação individual com cada membro do casal e um para ser respondido conjuntamente pelo casal. Ambos abordavam temas acerca da história do casal, da rotina familiar e da relação entre os membros da família.

### *Procedimentos*

Inicialmente os participantes foram recrutados por meio da rede de contato dos pesquisadores. Após a definição daqueles que respondiam aos critérios de inclusão e exclusão foi realizado um primeiro contato via telefone com os possíveis participantes explicando a proposta da pesquisa e, em seguida, apresentado o convite para participação. Feito isso, foram agendados dias e horários para os encontros com aqueles que aceitaram participar.

Nos encontros era solicitado que os participantes lessem, esclarecessem dúvidas e, em seguida, assinassem o termo de consentimento livre e esclarecido. Após isso se dava início a coleta de dados da seguinte maneira: primeiro as entrevistas individuais foram feitas, ficando à escolha do casal quem responderia primeiro e depois a entrevista com o casal. É importante salientar que as três entrevistas aconteciam no mesmo dia, uma em seguida da outra e todas foram audiogravadas.

Finalizada a coleta de dados as entrevistas foram transcritas na íntegra, impressas e lidas exaustivamente, de maneira que pudessem ser organizadas para análise pautada na Análise do Discurso de tradição francesa.

### *Referencial Teórico*

A análise do discurso (AD) foi proposta na década de 1960 por Michel Pêcheux como uma alternativa às possibilidades de análise de dados no campo das ciências sociais, sob a justificativa de estabelecer um método capaz de propor tanto uma lógica de organização dos dados quanto de sua interpretação (Pêcheux, 1997). Ela caracteriza-se como uma perspectiva teórica e analítica que recusa a transparência da linguagem, compreendendo-a não mais como mero instrumento de comunicação, mas a partir de sua materialidade histórica e social (Orlandi, 2013).

Uma vez considerada a opacidade da linguagem, ressalta-se a impossibilidade de que ela acesse de maneira clara e direta a realidade e, conseqüentemente, produza os significados e sentidos integralmente fidedignos a ela. Por isso a linguagem é constituída pela ilusão de que o pensamento tem seu correspondente direto no mundo e, por sua vez, o mundo tem seu correspondente direto na linguagem (Orlandi, 2013).

Compreender a linguagem dessa maneira implica em reconhecer sua importância na constituição dos sujeitos e no processo histórico que demarca as sociedades e as culturas. Segundo a AD, para observar o funcionamento da linguagem é preciso debruçar-se sobre o discurso, objeto de estudo da perspectiva teórica em questão, caracterizado como a linguagem colocada em movimento por sujeitos produzindo efeitos de sentido entre eles (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014).

É importante dizer que os sentidos produzidos são circunscritos pelas condições materiais de produção dos discursos, ou seja, por fatores como “quem diz”, “quando diz”, “de que maneira diz”, entre outros (Pires & Sobral, 2013). E é também nos discursos que as ideologias se manifestam, permitindo disputas discursivas entre diferentes grupos (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014).

Para que os sentidos ecoem nos discursos é preciso que eles encontrem respaldo em uma memória discursiva, conceitualmente denominada de interdiscurso na AD. É o resgate de sentidos pré-estabelecidos e sedimentados no interdiscurso que possibilita a comunicação e a produção discursiva imediata (intradiscurso) já que eles existem e ressoam (produzindo efeitos) a partir de uma produção histórica e coletiva (Orlandi, 2013).

É indispensável mencionar que devido ao resgate do interdiscurso o discurso não possui nem ponto de partida nem de chegada, assim os sujeitos têm a ilusão de que são autores dos discursos produzidos, denominada ilusão de autoria possibilitada pelo Esquecimento Número 1. Outro esquecimento atuante nos processos discursivos é o Esquecimento Número 2: devido a ele os sujeitos creem que a única maneira de se expressarem é por meio das exatas palavras que utilizaram; esse Esquecimento aponta para o fato de que o modo como se diz algo produz sentidos assim como o conteúdo daquilo que é dito, e o não dito (todas as possibilidades discursivas que ficaram de fora do intradiscurso) também é importante na compreensão das produções discursivas e de seus sentidos, situando ideologicamente os sujeitos que as produziram (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014).

As ilusões referenciais ou de autoria são possíveis devido à interpelação da Ideologia, sendo que esta ocasiona uma naturalização das produções de sentido e de discursos, assujeitando os falantes às condições materiais e históricas que os constituem sem que eles deem conta disso, sustentando a crença dos sujeitos na própria autonomia (Pêcheux, 2014). Dessa maneira, não são apenas os aspectos empíricos da realidade que regulam as produções discursivas, mas também as formações imaginárias (FI) dos falantes, tais como as antecipações (balizamento do próprio discurso a partir do efeito que se deseja produzir no outro), as relações de sentido (necessidade de que um discurso esteja atrelado ao outro para que ele se sustente) ou as relações de força (jogos de

poder que possibilitam, cerceiam e atribuem diferentes pesos aos discursos dos sujeitos) (Orlandi, 2013).

É pertinente dizer que o que está em ação na produção de efeitos de sentidos não são os lugares empíricos dos sujeitos, mas sim a posição discursiva que ocupam na disputa imaginária e ideológica que os situa dentro de determinada sociedade e cultura (Orlandi, 2013). Uma vez determinados pelas condições materiais de produção os discursos sustentam “essas” e não “aquelas” FDs (possibilidades de dizer) permitidas ou não pela FI (conjuntura sócio-histórica) vigente (Althusser, 1985; Pêcheux, 2014).

É por meio desses conceitos que os dados foram analisados, considerando o seguinte percurso para sua efetuação: dessuperficialização do *corpus*, ou seja, a transposição do material linguístico (as entrevistas) para o objeto discursivo (compreensão das FDs por meio das incidências do interdiscurso e do Esquecimento 2) e, sem seguida, a discussão acerca da influência da Formação Ideológica, Ideologia, Esquecimento 1 e das FIs na constituição dos sentidos do *corpus* (Processo Discursivo) (Gomes, 2007).

### *Aspectos Éticos*

A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (CAAE 48934915.3.0000.5154 na Plataforma Brasil).

### **Resultados e Discussão**

Para a apresentação e discussão dos dados o *corpus* foi organizado em dois eixos temáticos que apresentam as FDs mais relevantes para este estudo, a saber: *paternidade e maternidade*.

## *Paternidade*

A FD relativa à paternidade mais recorrente ao longo das entrevistas é a de que o homem/pai deve exercer o papel de provedor da família, ilustrada nos seguintes recortes:

H1: É, eu não servia pra ser o marido da filha dela, só que aí, depois, devido aos caminhos que eu peguei, que eu bebia, nem trabalhava... Ficava parado.

M1: Se passasse ali ele ia estar bebendo litros de cachaça com o...

H1: E se eu fosse trabalhar pouquinho, pra pegar firme no serviço, aí também... Sozinho! Já não via tanto sentido em morrer de trabalhar também não! Aí eu... só que aí depois, vamos supor, que aí fomos morar junto, aí mudou a vida! Porque aí, né? Nunca fiquei um dia sem trabalhar! (C1 contando sobre a relação com a família de origem da M1).

Eu acho bem natural assim, do ser humano, na minha visão. O homem com as responsabilidades mais braçais, ser o provedor da casa. Não única e exclusivamente, a mulher também pode trabalhar, pode prover, mas é natural que o homem... Esse é um processo que já veio lá de trás. O homem saiu pra caçar e a mulher pra cuidar da caverna, pra quando o homem chegasse com a caça a mulher assava a carne e preparava pra comer, enquanto ele tava lá de novo, caçando, procurando, guerreando. Isso veio já dessa forma. (H2 quando questionado sobre o que ele acredita ser a função de cada membro da família na organização da rotina familiar).

Como eu fui criada, a minha mãe ficava em casa e o meu pai que trazia o dinheiro pra dentro de casa, e, coincidentemente a minha sogra a mesma coisa. O meu sogro saía pra trabalhar e minha sogra ficava dentro de casa. Então eu tenho o exemplo da minha mãe e da minha sogra. Mas mesmo não tendo... Eu acho que isso é de mim, né? Por eu sempre ter sonhado, eu falo, de querer ficar em casa, cuidar da minha família, e o meu marido sair pra trabalhar... Então hoje pra mim é isso! (M3 quando questionada sobre o que ela acredita ser a função de cada membro na família na organização da rotina familiar).

Eu acho que não tá fora disso. Eu sou o provedor. Ela quem se encarrega da educação dos filhos. Pra colocar um estereótipo é isso. Acho que não tá fora. Provedor no sentido financeiro, porque ela faz a comida, né? (H4 quando questionado sobre o que ele acredita ser a função de cada membro da família na organização da rotina familiar).

É importante ressaltar que além dos discursos produzidos pelos participantes as cinco famílias se organizam dessa maneira, ou seja, os homens trabalham fora do espaço doméstico

enquanto as mulheres ficam responsáveis pelo cuidado da casa e dos filhos. Essa informação se faz relevante porque a AD se estende para toda materialidade que produza sentidos (Caregnato & Mutt, 2006; Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014) e, dessa forma, o modo de organizar as tarefas e as responsabilidades dos membros da família também organiza sentidos acerca do que ela compreende como ser pai, mãe, homem e mulher.

O terceiro recorte, no qual a M3 resgata os exemplos que teve tanto da mãe quanto da sogra, ajuda a ilustrar a produção de sentido que a rotina e a distribuição de tarefas possibilitam. Se os discursos são efeitos de sentido entre interlocutores é possível dizer que a relação da entrevistada com a mãe e a sogra e a observação dos padrões de rotina de ambas as casas levam (interdiscursivamente) M3 a buscar sentidos que reafirmam o lugar do homem como provedor financeiro da casa e da família. Mas apesar de reconhecer uma possível influência logo em seguida ela diz “*mas acho que isso é de mim, né*” na tentativa de resguardar um lugar de autoria para justificar a escolha por esse modelo (Esquecimento 1) (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014).

O primeiro trecho destacado ilustra a mudança da posição discursiva ocupada pelo H1 e o modo como os discursos atuam na construção das subjetividades e das relações entre os sujeitos (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014). Ele relata que enquanto não era casado e pai não via razões suficientes para “*morrer de trabalhar*”, porém, desde o casamento e a primeira gravidez da esposa ele não ficou “*mais nenhum dia sem trabalhar*”. Pode-se dizer então que a partir da posição discursiva de pai outras demandas e sentidos são acionados, respondendo aos sentidos sedimentados na memória discursiva (interdiscurso) correspondente, nesse caso “um pai precisa trabalhar”.

Nos recortes dois e quatro os entrevistados trazem à tona aquilo que é comum (“*estereótipo*”) e daquilo que é “*natural*” para dizer sobre a função de provedor que exercem em

suas famílias. Com relação ao H4 é interessante lembrar que em sua família de origem sua mãe era responsável por prover a família, mas mesmo tendo vivenciado essa experiência ele atribui à lógica do pai-provedor o status de comum, mostrando como a demarcação por determinadas Formações Ideológicas (dos sentidos possíveis de serem resgatados do Interdiscurso) se faz presente nas possibilidades de dizer e não-dizer dos sujeitos (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014). Na fala do H2 é pertinente dizer que há a atuação do mecanismo de antecipação imaginária, já que ele a organiza em um jogo de retificação (“*não única e exclusivamente, a mulher também pode trabalhar*”) e justificativa (quando usa o argumento tradicional de gênero para situar o papel do homem e da mulher) (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014). Isso pode se dar pelo fato de que o participante tinha conhecimento que participava de um estudo sobre gênero e, por isso, tentou antecipar em sua argumentação a reação da pesquisadora após a afirmação de papéis de gênero tradicionais.

Em consonância com a ideia do pai como provedor financeiro da família há uma segunda FD recorrente acerca da necessidade/possibilidade de os pais sacrificarem tempo com seus filhos para lhes oferecer melhores condições de vida. Dessa maneira, os pais (homens) passam mais tempo longe dos filhos em trabalhos externos ao contexto doméstico, praticando menos atividades e participando menos de sua educação e desenvolvimento, como se nota nas seguintes falas:

Com a F1, assim, ela já maiorzinha não, mas antes também eu trabalhava demais, não dava tempo de ficar muito com a F1, assim não... (H1 quando questionado sobre brincar com a F1).

Então eu sacrifiquei muito da família esse ano. Ir pra capital foi um sacrifício muito grande pra família, Todas essas viagens foram uma loucura, e tá sendo um sacrifício muito grande pra família. Financeiramente é ruim. Se fala ‘ah, financeiro não pesa. Dá pra viver sem dinheiro’, isso aí é meio uma lenda, porque a gente precisa de dinheiro pra poder pagar as contas, pra poder pagar tudo! (H2 quando questionado sobre as atividades de lazer que a família realiza).

Se tiver que estudar 24 horas por dia, se tiver que estudar e trabalhar de noite, largar a família, ficar seis meses fora, pra não medir consequências para garantir uma estabilidade financeira. (H3 quando questionado sobre a educação que recebeu de seus pais).

Ah maravilhoso, né? Você ser... o pouco que eu conseguia pegar eles acordados, na época, era maravilhoso. Foi uma situação boa. Você ser pai, você ver que tem um pititinho no colo, apesar que, como eu já comentei, os primeiros cinco anos deles foi mais difícil; saía dormindo e chegava dormindo, né? Então era mais sábado e domingo, e as vezes alguma folga que eu conseguia ter mais contato com eles. (H5 quando questionado sobre suas primeiras experiências como pai).

Os fragmentos demonstram que passar pouco tempo com os filhos é motivo de sofrimento e pesar para os pais, inclusive faz parte das metas pretendidas organizar a rotina para poder passar mais tempo com eles, como citado pelo H3. Porém, as obrigações financeiras assumem o status de necessidade no discurso dos pais, o que torna o trabalho fora de casa inegociável. Nesse sentido, os filhos se tornam prioridade na vida dos pais, mas assumem esse lugar de maneiras diferentes para pais e mães, sendo no caso paterno a prioridade atrelada ao provimento financeiro, pois na memória discursiva é isso que se sobressai devido a sua repetição parafrástica (reproduzidos tradicionalmente) (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014).

É importante ressaltar que em nenhum momento das entrevistas foi cogitado pelos participantes que o pai ficasse em casa e se responsabilizasse pelas tarefas domésticas e pelo cuidado dos filhos enquanto a mãe cuidasse do provimento financeiro familiar, bem como em hipótese alguma foi questionado ou citado pelos participantes um possível prejuízo no desenvolvimento dos filhos devido à ausência (muitas vezes frequente) do pai ao longo de seu crescimento. É possível dizer que isso se deva à dificuldade de romper com o processo parafrástico de produção de sentidos sobre a maternidade e a paternidade, já que esses estão historicamente cristalizados – a ponto de que resgatar outros sentidos no Interdiscurso (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014) torna-se quase inviável.

Além da diferença na quantidade de tempo em que os homens ficam em suas casas com seus filhos há também diferenças qualitativas (modos de relacionamento entre pais/mães e filhos). Essa diferença demarca uma nova FD sobre a responsabilidade dos pais em controlar os filhos. Tanto os homens quanto as mulheres relatam as intervenções paternas como mais assertivas na educação dos filhos:

Ele nunca deixou a gente dançar, a gente nunca pôde... Igual... Homem, né? Fazer um carinho no meu pai... Hoje ele é totalmente diferente. Hoje ele é outra coisa! A gente nunca pôde sentar no colo dele, dar um abraço, dar um beijo, eu acho que foi a criação dele, não sei como que foi a criação dele [...] Mas hoje ele é diferente, sabe? Com os netos eu já vejo que ele é diferente, sabe? (M2 quando questionada sobre coisas que ela queria fazer na infância e na adolescência, mas não podia).

Ela demora pra tomar ações. Então a voz dela lá em casa não é algo que aparece. Quando ela vê no filho um comportamento que não tá legal ela fica repetindo várias vezes o nome da criança 'F2, F2, F2. não faz isso', né? E eu não me envolvo. Até que eu vejo que isso já tá na décima quinta vez e meu *zen* já não consegue mais tolerar, então aí é onde eu entro, né? Trazendo uma solução mais momentânea, instantânea, vamos dizer assim, e que seja um pouco mais duradoura. Então eu respeito a forma como ela tenta resolver, mas muitas vezes ela não consegue resolver dessa forma, e é onde eu entro com uma postura mais enérgica, que funciona de vez. (H3 quando questionado sobre os acordos que ele tem com a esposa com relação à casa e aos filhos).

M4: Eu não podia ir pra casa de amiga, não podia, meu pai não deixava! Dava a desculpa de que morava longe, Cohab, e as meninas moravam no centro de *cidade do interior*, mas não. Meu pai sempre foi muito rígido, sempre cobrava muito, então eu não podia ir na casa nenhuma de amiga, quando pequena.

E: E na adolescência?

M4: Ah, adolescência foi dose, né?! Horário pra sair, horário pra chegar, viagens perdidas de oitava série, colegial... (M4 quando questionada sobre coisas que ela queria fazer na infância e na adolescência, mas não podia).

Os fragmentos demonstram a posição discursiva paterna como a que exerce controle, vigilância e que possui capacidade de propor intervenções eficazes no comportamento dos filhos. Esse controle pode ser exercido de diversas maneiras, como pode ser notado nos exemplos: por meio da habilidade em tomar atitudes assertivas (“*é onde eu entro com uma postura mais enérgica,*

*que funciona de vez*”), pela via da proibição (*não podia, meu pai não deixava*”) e pelo cerceamento nas possibilidades das demonstrações afetivas (*A gente nunca pôde sentar no colo dele, dar um abraço, dar um beijo*”), condição essa que associa o pai mais ao controle do que suprimento afetivo.

É interessante notar no segundo recorte a expressão utilizada pelo H3 ao se referir ao modo como a M3 lida com os filhos, ele diz que “*a voz dela lá em casa não é algo que aparece*”; assim, ao organizar seu discurso dessa maneira ele não delimita por quem a voz da M3 não é ouvida e sim o espaço (*a casa*). Pode-se dizer então que por meio desse não-dito ele assume uma posição discursiva de autoridade, pois se a voz da M3 não aparece em casa ele (pai) passa a ser a voz reconhecida no contexto familiar contemplado pela *casa*. Essa lógica ajuda a demonstrar as Relações de Força que concernem as produções discursivas, ocasionando validação de determinados discursos em detrimento de outros (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014).

Já no primeiro fragmento é possível perceber a influência das FIs e da Posição Discursiva nas produções de sentido dos sujeitos. M2 relata que seu pai não permitia demonstrações afetivas (beijos e abraços), porém, quando assume a posição discursiva de avô seu comportamento é outro, admitindo manifestações de carinho dos netos. Isso demarca que os sentidos produzidos sobre ser pai e ser avô são diferentes e o retorno desses sentidos do Interdiscurso a partir de posições discursivas diferentes possibilita discursos diferentes em um mesmo sujeito (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014).

A última FD sobre a paternidade diz respeito à racionalidade e à capacidade em ser centrado mediante as demandas familiares dos pais, como mostram os recortes a seguir:

E: E o que você acha a maior qualidade do H1?

M1: A paciência que ele tem... Eu acho que foi tudo pra ele e faltou pra mim! (M1 quando questionada sobre a maior qualidade do H1).

Eu intervenho quando ela percebe que não consegue mais ter o controle da situação em relação ao comportamento dos filhos. A hora que eu vejo ela já tá num nível de estresse além dos aceitáveis e eu intervenho. Quando eu vejo que ela tá um pouco agoniada em relação às tarefas do dia, eu me ofereço pra apoiar. (H3 quando questionado sobre o que ele faz para ajudar a M3).

Eu admiro muito o H4. Ele é muito centrado, muito inteligente, mais do que eu... Os dois juntos. Então, assim... O que ele fala eu concordo, mais assim, sabe... Eu vou mais assim no que ele pensa, assim, porque eu acho legal, eu concordo... (M4 quando questionada sobre como ela e o H4 estabelecem os acordos com relação aos filhos).

Nestes trechos pode-se perceber a crença de que os pais (homens) possuem uma habilidade inerente de ser mais calmos, centrados e racionais, contrapondo a racionalidade masculina ao apelo emocional feminino. Estes são sentidos cristalizados historicamente no Interdiscurso (Pêcehux, 2014) e utilizados pelos participantes para justificar a maior aptidão paterna em manter os filhos sobre controle e tomar decisões em relação a eles, mesmo passando menos tempo com os mesmos.

Outro aspecto presentes nessas falas é o de que os pais não apenas possuem essas habilidades, mas que também as mães não as possuem, havendo uma (aparente) falta de paciência (“*a paciência que ele tem... acho que foi tudo pra ele e faltou pra mim!*”), autocontrole (“*a hora que eu vejo ela já tá num nível de estresse além dos aceitáveis*”) e inteligência (“*ele é muito centrado, muito inteligente, mais do que eu*”) por parte das mães, o que torna os pais supostamente mais aptos a tomar decisões e realizar intervenções eficazes junto aos filhos, atendendo às FIs (Orlandi, 2013) sobre quais funções devem ser exercidas pelos pais e pelas mães.

Vistas as FDs que permearam os discursos produzidos sobre a paternidade e as suas incidências interdiscursivas, faz-se importante elucidar os discursos e sentidos produzidos sobre a

maternidade, realizando contrapontos para compreender de que maneira os sentidos sobre ser pai e ser mãe se sustentam respondendo às Relações de Sentido.

### *Maternidade*

A primeira FD sobre a maternidade está relacionada ao fato da maternidade ser a realização de um sonho e uma extrema felicidade que traz prazer e satisfação, como ilustrado nos seguintes fragmentos:

Então, a F1 pra mim era um sonho, porque eu queria muito ser mãe! Eu queria muito, muito mesmo! E eu sofri muito durante a gravidez dela, e depois que ela nasceu ela era um anjo na minha vida. Ela não me dava trabalho, eu não sofri com ela. Ela era um bebê tranquilo, dormia, não chorava, dormia a noite toda, e ela sempre foi assim. Nunca me deu trabalho. E a minha vida que era um vazio, porque eu ficava o dia inteiro sozinha, passou a ser completa. Então assim, eu tinha ela, eu acordava e tinha motivação de acordar. Eu tinha motivação de levantar pra fazer almoço, porque eu tinha que fazer a papinha dela. Aquilo eu comecei a ter vontade de fazer as coisas. Eu tinha alguém que interagiu comigo, que brincava, que passava a mãozinha no meu rosto, eu tinha alguém comigo! Então pra mim foi tudo! Pra mim foi a realização completa! (M2 quando questionada sobre as primeiras experiências com mãe.)

Pra mim tá ótimo! Eu vou te falar o porquê: ele trabalha e traz as coisas pra casa. De uma forma ele paga a diarista que limpa e passa roupa pra mim, entendeu? E eu tenho prazer em cuidar dos meninos! (M4 ao ser questionada sobre como ela pensa que deve ser a divisão ideal das tarefas entre os membros da família).

Eu tinha os meus 16 pra 17 anos, e a primeira vez que nós fomos em *Cidade do interior*, passear, eu vi uma colcha, a coisa mais linda! De uma menina, bordada. ‘Eu vou comprar, vou comprar’, a minha mãe comprou pra mim, e aí eu comprei a colcha com o sonho que um dia eu ia casar! E aí eu ia ter uma menina. A colcha eu tenho até hoje, tá velha, mas eu ainda tenho até hoje. Pra você ver o tanto de sonho que eu já tinha de ser mãe. (M5 ao ser questionada se ela imaginada os filhos antes de eles nascerem).

Diferentemente do discurso dos pais, mais que a naturalidade com que a maternidade é tratada no discurso das mulheres ela aparece como um desejo e um sonho a ser realizado. No

terceiro recorte é possível notar que M5 idealiza, planeja e concretiza aspectos referentes à chegada de um filho muito antes de se deparar com a possibilidade real de que ela ocorra, quase que oferecendo à maternidade um status de certeza e condição para o futuro.

Outro aspecto dissonante quando comparado a naturalidade da maternidade a da paternidade é que além de ser mãe ser algo aparentemente óbvio para os participantes, é também motivo de prazer, alegria e satisfação. Enquanto os pais (homens) falam sobre a felicidade da chegada dos filhos as mães, além disso, relatam o prazer que encontram em cuidar e estar com eles (“*Eu tinha alguém que interagia comigo, que brincava, que passava a mãozinha no meu rosto, eu tinha alguém comigo! Então pra mim foi tudo! / E eu tenho prazer em cuidar dos meninos!*”). Isso demonstra o modo como os sentidos produzidos estão relacionados às posições discursivas dos participantes (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014), ou seja, a parentalidade, segundo os participantes, se dá de maneira natural, porém seu exercício evoca sentidos diferentes para homens e para mulheres, interferindo no modo como se sentem e atuam no desempenho desses papéis.

É preciso ressaltar o sentido atribuído a um filho pelas mães como representado no discurso da M2, pois em sua fala ela diz que antes da chegada da F1 sua vida era um *vazio*, e dessa maneira pode-se dizer que nada é capaz de suprir ou ocupar esse lugar, tudo que existe antes de um filho parece insignificante; aqui ela poderia ter dito *triste* ou *difícil*, mas resgata do Interdiscurso o *vazio*, termo que destaca a insignificância das outras dimensões da existência quando comparadas à importância do filho. E, logo em seguida, diferente do H2 que ressalta que as conquistas relacionadas aos filhos o deixam realizado como *pai*, M2 finaliza sua fala dizendo que a chegada da F1 foi uma realização *completa*, mostrando novamente que os sentidos evocados para cada sujeito estão intimamente relacionados a suas posições discursivas e as condições materiais de produção de cada discurso (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014).

A segunda FD acerca da maternidade faz menção às tarefas domésticas serem responsabilidade da mãe, como ilustram os trechos a seguir:

H1: Não teve jeito ainda, porque muitas obrigações da M1 ela deixa pra mim.

E: O que você entende que é obrigação dela, que ela deixa pra você?

M1: A casa, uai!

H1: Os afazeres da casa. Isso aí é o que me mata. Aí eu tenho que viver o morrer de Jesus Cristo, senão não tem jeito! (C1 quando questionado sobre o que acreditam ser obrigação de cada membro da família)

E por na infância não ter tido muitas responsabilidades, por exemplo: quando a gente casou a M2 falava ‘lava um copo, lava isso, lava aquilo’, foi com o tempo que eu fui ‘nossa, deixa eu ajudar’. Que eu fui entendendo que eu também tinha responsabilidade nisso, que não era única e exclusivamente dela. Mas tem coisa que é exclusivo da *mulher*. Não tô falando da limpeza. Isso aí, por exemplo, a M2 tem mais habilidade, então ela que limpa. Tem dia que eu ajudo, lavo uma área, lavo isso, lavo aquilo. Mas tem coisas que é papel da *mãe*, que não tem jeito. (H2 quando questionado sobre o quanto a rotina deles corresponde ao que ele acredita ser ideal para uma família).

A partir dos recortes é possível perceber que as tarefas domésticas são consideradas obrigação da mulher, mesmo o H1 realizando essas tarefas e o H2 compreendendo que tem parcela de responsabilidade nessas atividades. Os afazeres domésticos não são tratados como um dever mútuo sobre os quais tanto o homem quanto a mulher devem se ocupar da mesma maneira, recaindo a obrigação sobre o feminino. Como é possível perceber na fala do C1, a compreensão dos afazeres domésticos como obrigação feminina é um sentido recorrente e sedimentado no interdiscurso, já que por meio da antecipação imaginária (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014) M1 responde à pergunta da entrevistadora no lugar de seu marido, deduzindo sua resposta, como se fosse óbvio que ele se referia às tarefas relacionadas a casa.

No fragmento discursivo da fala do H2 há a demonstração da ilusão de existência de uma aptidão inerente ao feminino para a realização das atividades domésticas e, mais do que isso, em uma metáfora (Orlandi, 2013) o participante desliza o sentido de *mulher-M2-mãe*, demonstrando

uma redução com relação às diversas posições discursivas ocupadas por M2, tratando como a identidade da *mulher* encerrada no desempenho do papel de *mãe*.

Há ainda uma terceira FD semelhante à anterior que alude à responsabilidade das mulheres pela criação dos filhos:

Isso. E no dia a dia de mãe, mesmo, amamentar. Não adianta falar ‘ah o marido tem que acordar de madrugada’, não é o marido que amamenta! Tudo bem que é importante ele estar ali pra dar força, mas quem vai segurar no colo é a mulher. Não adianta o pai levantar, na minha visão assim... É importante o marido dar apoio, e estar acordado pra poder dar força e tal. Mas tem coisa que não tem jeito. E a criança, ela naturalmente tem mais afinidade, em questão de relaxamento, com a mãe do que com o pai. E aí tem explicações biológicas pra isso. O bebê, ele vai sendo gerado, gestado com o batimento da mãe, então ele acostuma com esse batimento. Quando a mãe coloca o filho no peito, e o filho escuta o batimento da mãe ele se acalma. Isso é biológico. Não adianta a sociedade falar ‘se o pai colocar, forçar...’, isso é biológico entendeu? (H2 quando questionado a respeito de sua opinião sobre aptidões femininas).

No ideal, eu acho que a responsabilidade de, por exemplo, com os filhos, ela deveria ser mais compartilhada. Eu não compartilho tanto. A gente tem conversado mais pra que isso ocorra, mas como a M3 tem uma tarefa pequena aqui (empresa), ela passa o dia todo mais tranquila. Então se um dia ela estiver mais cansada ela tem liberdade de dormir a tarde inteira, né? E com isso ela tem mais gás pra ir até um pouco mais tarde com as crianças, e depois eu termino, mas as vezes eu sinto que eu poderia colaborar um pouco mais. Eu tava percebendo que ela tava um pouco estressada com os dois fazendo arruaça, e eu ali, finjo que não é comigo, finjo que não escutei chamar [...] (H3 quando questionado sobre como uma família ideal deveria organizar sua rotina).

A partir das falas destacadas pode-se dizer que H2 e H3 acreditam que as mulheres possuem maior habilidade e disposição/disponibilidade para estar com os filhos, seja por razões aparentemente óbvias (“*E no dia a dia de mãe, mesmo, amamentar [...] não é o marido que amamenta*”) seja pela crença de que a rotina ou o estilo de vida da parceira está mais adaptado para que ela se dedique às atividades de cuidado dos filhos (“*ela passa o dia todo mais tranquila*”). É sobre essa aparente maior aptidão/disponibilidade das mulheres em cuidar dos filhos que eles

repousam as justificativas sobre suas possíveis ausências na rotina dos filhos ou sobrecarga das parceiras nessas atividades.

É possível dizer que H2 e H3 justificam suas respostas em um movimento de antecipação imaginária (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014) na tentativa de balizar o que a interlocutora pensará a respeito das informações emitidas por eles e do modo como exercem a função paterna, já que o H3 diz que acredita que deveria compartilhar mais com a esposa as responsabilidades relacionadas aos filhos, porém quando tem a oportunidade de fazê-lo ele declina (“*finjo que não é comigo, finjo que não escutei chamar*”), opção essa que não é permitida às mulheres com relação à maternidade, já que precisam estar sempre disponíveis para os filhos.

Já H2 antecipa imaginariamente sentidos quando diz que o pai deve dar apoio, ou seja, ressaltando que o pai deve estar presente no cuidado dos filhos, mas ao mesmo tempo mantendo essa função no campo das responsabilidades femininas, pois *dar força* é uma função complementar. Também é possível perceber nesse mesmo trecho as Relações de Força quando o participante resgata na memória discursiva sentidos produzidos pela ciência e pela biologia, atribuindo a esses campos a produção de verdades irrefutáveis (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014).

As duas FDs que versam sobre as responsabilidades atribuídas aos pais e mães relacionam-se aos sentidos produzidos pelos participantes sobre o que é trabalho. Ao longo das entrevistas eles fazem uma distinção bastante frequente entre o que é trabalho (atividades remuneradas e externas aos ambientes doméstico) e o que não é trabalho. Segundo os homens e mulheres participantes os únicos que *trabalham* são os homens, tal como mostram os seguintes fragmentos:

Oh, eu acho assim, que bem dizer as responsabilidades acaba sendo a mesma, só que, se eu tô trabalhando e ela tá aqui ela tem que ficar mais de olho! Aí eu estando aqui, aí é junto! Porque geralmente quem tá pra fora, trabalhando, aí não tem como mais acompanhar os filhos, né? (H1 quando questionado sobre o que ele acredita que são as responsabilidades de cada um com relação aos filhos).

H2: Eu sempre fui muito independente, muito responsável pras minhas coisas, então eu sempre fiz tudo. Eu arrumava minha cama, meu quarto, ajudava minha mãe a lavar... Quando a gente mudou aqui pra *cidade do interior* eu tinha 12 anos, se eu não me engano, eu ajudava minha mãe a lavar a varanda. Eu que ajudava, meus irmãos não, eu que ajudava.

E: Seus irmãos não?

H2: Não, eles não ajudavam.

E: E seu pai?

H2: Meu pai sempre trabalhou! (H2 contando sobre sua adolescência).

Quando eu vejo que ela tá um pouco agoniada em relação às tarefas do dia, eu me ofereço pra apoiar (H3 quando questionado sobre o que ele faz para ajudar a esposa).

Vixe, eu não sei! Eu sei que ele me ajuda no sentido de pagar uma diarista pra limpar a casa. As vezes se, igual eu tive doente, ele que me acode com as crianças, assim... Com coisa assim. (M4 quando questionada sobre o que ela faz para ajudar o marido).

Sábado e domingo é assim: eu venho aqui, já junto, já pego as roupas e ponho lá fora, ponho pra bater, quando tá pronto eu já estendo, e mais tardem quando secou, eu vou lá e recolho. O que tiver de louça eu já lavo. Eu ligo uma música, vou tomando minha cerveja, e vou fazendo o que tiver que fazer pra fora (quintal), né? (H5 quando questionado sobre o que ele faz para ajudar a esposa).

Nos dois primeiros recortes os participantes expressam o que compreendem como trabalho, definindo-o como aquilo que é exercido fora do ambiente doméstico. O não-dito (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014) no discurso produzido por eles (que determina que aqueles que estão fora do contexto doméstico estão trabalhando) faz contraponto à ideia de que aqueles que estão em casa não estão trabalhando, logo o sentido produzido é de que as atividades domésticas (cuidado com os filhos ou afazeres da casa) não são *trabalho*.

Os trechos seguintes além de reafirmarem que as atividades domésticas não são trabalho, acentuam a ideia de que o cuidado com o contexto doméstico é de responsabilidade/obrigação feminina, visto que quando os homens efetuam qualquer tarefa doméstica o sentido é o de auxílio ou ajuda, inclusive quando ela acontece por meio financeiro. Dessa forma, quando o homem exerce

atividade remunerada para a manutenção da família e da casa ele está arcando com sua responsabilidade, mas quando ele paga por uma diarista (cuidado com a casa) ele está ajudando a esposa, e não está fazendo algo caracterizado como seu dever (*“Eu sei que ele me ajuda no sentido de pagar uma diarista pra limpar a casa”*).

Como justificativa para as mulheres cuidarem dos filhos aparece uma nova FD a qual articula que a ausência das mães durante o crescimento dos filhos pode trazer sérios prejuízos ao seu desenvolvimento, como relatado pelos participantes:

Porque senão... É os outros que educam, né? Você perde seus ensinamentos, porque foca eu no trabalho, foca ela... Se não for uma pessoa que tem uma base, mesmo em questão de família! A M1 trabalhou antes [...] a gente teve um pouco de perda, nisso aí. Porque se criasse com vó não virava nada! Aí corria o risco de não virar nada! (H1 quando questionado se está de acordo com os combinados do casal).

Quando a gente optou em ter filhos a gente conversou como ia ser, e eu acho que é fundamental pra criança, principalmente até os dois anos de idade, a presença da mãe. Pro crescimento dela, né? E por ter aquela coisa de criança, de ver ela se desenvolvendo, incentivar ele, estar com ela, eu acho que é fundamental. Tem toda uma diferença! Eu vejo hoje crianças que as vezes a mãe não tem condições de estar com a criança e é obrigada a colocar a criança numa creche ou num berçário, você vê o desenvolvimento de uma criança que a mãe acompanha, é diferente! (M2 quando questionada sobre sua satisfação com relação à sua rotina).

M4: [...] Mas eu acho que ao ter contato com amigos dele, que a mãe trabalha fora... sabe? E nas reuniões, assim, eu vejo que há muito a desejar na educação dos filhos, muito...

E: Você percebe isso? Em que sentido?

M4: Muito... é gritante! No sentido de carência afetiva, das crianças que vêm na minha casa, sabe? No sentido de dar trabalho pra chamar atenção de pai e mãe. De ir mal na escola. No sentido dos comentários que eles me trazem de ausência, de amigos... E aí eu vejo muito, assim, seguros nessa parte de falar pra mim ‘nossa, ainda bem que você fica com a gente’, sabe? Não poder entregar um trabalho na escola porque a mãe não teve tempo de ajudar... Então assim, nessa parte eu me sinto gratificada pelo que eu faço! Eu tô dando uma base, ao meu ver, eu tô dando uma base pra eles poderem... Essa base é boa, sabe? (M4 quando questionada sobre estar feliz com a rotina da sua família).

A partir disso, é possível considerar que os participantes acreditam que a presença da mãe é um diferencial na vida dos filhos, e que sua ausência pode afetar negativamente sua educação, valores, desenvolvimento físico e cognitivo e saúde emocional. É pertinente ressaltar também que a figura da mãe não é negociável, ou seja, não é qualquer sujeito que está capacitado para acompanhar os filhos, mas apenas as mães estão aptas para tal (“*Porque se criasse com vó não virava nada*” / “*eu tô dando uma base*”).

É interessante destacar o trecho da fala da M2 quando ela diz “Eu vejo hoje crianças que às vezes a mãe *não tem condições* de estar com a criança e é *obrigada* a colocar a criança numa creche ou num berçário”; o não-dito desta frase indica a impossibilidade interdiscursiva (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014) de sentidos que sustentem que ideia de uma mãe não desejar estar com os seus filhos, isto é, como se naturalmente houvesse um desejo inerente à condição materna de acompanhar integralmente o desenvolvimento dos filhos.

Para atender a demanda criada a partir da transição para a posição discursiva de mãe, as mulheres diferentemente dos homens (que sacrificam tempo com a família para oferecer-lhe bem-estar e segurança financeira) sacrificam seus planos e projetos pessoais para proporcionarem às famílias melhores condições de vida, dedicando-se ao cuidado tanto do ambiente que acolhe a família (casa) quanto de seus membros. Essa lógica do sacrifício feminino dos próprios desejos e projetos pessoais para passar mais tempo cuidando da família caracteriza mais uma FD sobre a maternidade.

Dessa maneira, é possível notar que as mães abandonaram empregos, cursos universitários, exercícios físicos, o desejo de prestar um concurso público, entre outras coisas, para dedicarem-se às suas famílias. Assim, torna-se pertinente considerar que a partir do momento em que ocupam a posição discursiva (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014) de mãe outras possibilidades de existência e

outras posições de produção de sentido que até então lhes eram possíveis perdem força ou são elididas.

Por fim, a última FD que compõe os discursos sobre a maternidade diz respeito às características consideradas naturais das mulheres e mães, tais como cuidado, afeto e carinho, ou seja, as mães são naturalmente mais emocionais e afetuosas do que os pais:

Então eu vejo que a sociedade tenta empurrar uma coisa que ‘tem que ser assim, o homem tem que fazer!’, não! Pode ajudar, mas se a mãe pegar e colocar no peito... na hora a dor passa, da criança. (H2 falando sobre características femininas e masculinas).

Eu acredito que eu sou uma mãe, igual já deu pra perceber, muito amorosa, carinhosa, preocupadíssima, então eu acho que eu continuo assim. Porque eu acho que eu sou uma mãe boa. (M5 quando questionada sobre seu papel na educação dos filhos).

Eu me imaginava assim, do jeitinho que eu sou. A única coisa que eu acho que, devido a tantas coisas que aconteceram, eu acho que eu podia ter mais paciência com os meninos, entendeu? (M2 quando questionada sobre como se imaginava como mãe).

Os recortes apontam para uma maior sensibilidade das mulheres no trato com os filhos, uma maior capacidade de compreendê-los e acolhê-los em suas necessidades, como evidencia a fala do H2 “*se a mãe pegar e colocar no peito... na hora a dor passa, da criança*”. Ao tratar o contato com a mãe como algo que automaticamente traz conforto ao filho ele atribui a maternidade uma dimensão que se aproxima do mágico ou sagrado. O resgate do sentido produzido sobre a relação mais profunda e inexplicável estabelecida entre a mãe e filho do Interdiscurso (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014) aparece também nas falas das mães quando elas garantem que conheciam o sexo dos filhos antes da confirmação pelo exame de ultrassonografia.

Outra questão que merece destaque nos trechos das entrevistas é a de que o afeto, carinho e sensibilidade não demarcam apenas a posição discursiva (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014) de mãe,

mas a de *boa mãe*, como ressaltado pela M5. Isso fornece a esses aspectos não mais o status de características possíveis na identidade das mulheres mães, mas de características necessárias, assumindo o status de algo que lhes é faltante quando não está, ou seja, algo que deveria fazer parte da subjetividade/identidade delas (*boas mães*). A dimensão da falta pode ser exemplificada pela fala da M2 quando ela diz que “*podia ter mais paciência com os meninos*”, tratando a *paciência* como algo que ela deveria oferecer enquanto (boa) *mãe*.

Identificadas as FDs que compõem o *corpus* torna-se possível adentrar no segundo momento da análise (processo discursivo) observando as Formações Ideológicas (FI) que sustentam os discursos e sentidos produzidos pelos participantes e compreendendo o modo como a Ideologia atua na constituição de sentidos dos discursos.

#### *Formações Ideológicas e Ideologia*

A valorização da família nuclear que atravessa os discursos produzidos por todos os participantes é reflexo de uma FI que concebe a instituição familiar como algo positivo, natural, essencial e indispensável para o desenvolvimento humano. Porém, essas concepções podem ser compreendidas como produções discursivas que não respondem necessariamente a realidade (das ações executadas), mas sim aos sentidos produzidos e cristalizados historicamente sobre o que é a família (Chauí, 2012; Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014).

Segundo Lévi-Strauss (1983), diferente dos sentidos atribuídos pelos participantes, a família nuclear não é um agrupamento inerente à condição humana, e dessa maneira ela não está interligada aos aspectos biológicos ou naturais dos sujeitos, mas se caracteriza como uma construção sociocultural. Portanto, a família nuclear burguesa não é o ápice do desenvolvimento

social e cultural humano, mas sim um modelo que atende às demandas contemporâneas da organização social vigente (modo de produção capitalista).

Para fortalecer esse argumento que questiona o modelo familiar nuclear burguês como natural é possível citar os diversos modelos de família que existiram ao longo da história e que persistem até hoje – apesar de algumas resistências, como o Estatuto da Família (Ferreira, 2013). É possível citar famílias constituídas por interesses econômicos, casamentos não monogâmicos e, atualmente, por famílias monoparentais, compostas por casais homoafetivos, recompostas e extensas (Goldani, 1993; Lévi-Strauss, 1983).

Outra questão importante a ser ressaltada sobre a instituição familiar é que apesar de estar constantemente relacionada a um lugar de suporte, amor e afeto para seus membros, como ilustrado nos discursos dos participantes desta pesquisa e em outros relatos da literatura científica (Antoni & Koller, 2000; Lauz & Borges, 2013; Tfouni & Moraes, 2003) nem sempre a família desempenha esse papel na vida dos sujeitos, podendo ser o cenário de violência e intolerância, colocando os seus membros em situações de desamparo e vulnerabilidade (Gabatx, Neves, Beuter et al, 2010; Waiselfisz, 2015).

Assim, ressalta-se que a família não corresponde a uma condição biológica e natural dos sujeitos, mas sim a uma demanda social de organização, constituindo-se como um importante instrumento de controle, sendo ela uma das responsáveis por transmitir as normas e regras determinadas pela cultura, produzindo sujeitos “ajustados” a elas. Dentre as normatizações a serem transmitidas no contexto familiar estão as que correspondem ao exercício da sexualidade e gênero (Foucault, 2014).

Como observado nos discursos produzidos pelos participantes há uma suposta distinção entre as funções a serem desempenhadas por homens e mulheres, especificamente no que tange ao

exercício da parentalidade. Os homens ficam responsáveis por prover financeiramente a família e ocupar os espaços públicos, enquanto à mulher fica reservado o espaço doméstico e suas atividades. Essa distinção entre espaço público (masculino) e privado (feminino) é histórica e se caracteriza como uma das ferramentas que acentuam a dominação dos homens sobre as mulheres (França & Schimanski, 2009; Kergoat, 2009; Saffioti, 2001).

Apesar da designação do contexto doméstico às mulheres, a autoridade nesse espaço permanece sob domínio dos homens. Segundo os discursos dos participantes são os maridos/pais os capacitados para produzir regras e exercer o poder sobre suas casas e filhos. Isso se dá devido a uma lógica patriarcal de organização social (Narvaz & Koller, 2006; Ribeiro, 2006) segundo a qual o poder fica concentrado nas mãos do pai que sustenta esse lugar por meio das posições discursivas (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014) que ocupa como adulto e homem em uma cultura adultocêntrica (Schnor & Lima, 2014) e machista (Oliveira, 2009), o que atribui aos seus discursos maior peso e força imaginária e real (relações de força).

Outra questão relevante a ser discutida é a importância atribuída à maternidade, fazendo com que nos discursos a mãe aproxime-se da dimensão do sagrado. Esses sentidos apontam para o peso social que a maternidade atinge na existência das mulheres e na contemporaneidade, sendo apontada como finalidade última e principal de suas vidas (Beauvoir, 1980; Borsa & Feil, 2008), fazendo com que elas passem a existir como mães e diminuindo ou até mesmo anulando todas as outras possíveis posições discursivas (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014) a serem ocupadas por elas.

O desejo e expectativa pela maternidade e pelo casamento relatado pelas participantes também respondem a uma lógica social e cultural que não compreende a mulher como um sujeito completo e inteiro, mas sim como alguém que atinge a sua completude a partir de um relacionamento com um homem (heteronormatividade) e pelo exercício da maternidade. Dessa

maneira, os anseios femininos estão constantemente atrelados a existência de um outro que traga sentido a eles (Beauvoir, 1980).

Todos os aspectos discutidos até o momento apontam para uma naturalização das funções sociais a serem desempenhadas por cada um dos gêneros, naturalização essa que ocorre por meio de justificativas e/ou discursos que atribuem aos sujeitos capacidades, aptidões e predisposições baseadas em supostas características biológicas inerentes aos homens e mulheres, mas que na verdade se cristalizam pela repetição e reiteração incessante desses papéis até que assumam o status de verdade (Butler, 2015).

Essa naturalização dos sentidos produzidos social, cultural e historicamente ocorre por meio da Ideologia que cria a ilusão de que os sentidos sempre estiveram disponíveis da maneira como estão hoje, concebendo a linguagem como algo transparente e capaz de traduzir o real de maneira inequívoca. Como consequência disso os sujeitos são interpelados pela Ideologia e internalizam os discursos produzidos no coletivo, se apropriam dos mesmos e atribuem a eles a qualidade de autoria (Esquecimento 1) (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014) – representado nas falas dos participantes quando dizem de um “desejo”, “sonho” ou “opinião” próprios que correspondem ao que social e culturalmente deve ser desejado, sonhado ou defendido por um homem/marido/pai ou uma mulher/esposa/mãe.

Nesse sentido, é pertinente dizer que as possibilidades de ser dos sujeitos são cristalizadas e naturalizadas por meio de manobras discursivas (por exemplo, denominar trabalho apenas como o que é exercido fora do contexto doméstico e com remuneração) que reafirmam os sentidos pré-estabelecidos sobre o que é ser mulher/esposa/mãe e ser homem/marido/pai e da reprodução contínua desses discursos, pela fala, pela transmissão de valores ou pelas práticas familiares. Dessa maneira, as subjetividades e identidades passam a ser balizadas por FIs que ditam como cada um

deve pensar, desejar e agir adequadamente tomando por referência o gênero que lhe foi designado culturalmente (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014).

Essa cristalização, por fim, atende às demandas de uma sociedade capitalista que se sustenta em uma lógica de dominação e exploração não só no e pelo trabalho, mas também entre os gêneros, e que precisa da manutenção do *status quo* para garantir os interesses das classes dominantes. Uma das ferramentas para que eles sejam resguardados é o movimento parafrástico de reprodução dos sentidos (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014) que normatiza o exercício da sexualidade e a expressão de gênero, situando cada sujeito em seu “devido lugar” perante a divisão social (e sexual) do trabalho, mantendo a máquina capitalista funcionando e naturalizando as relações de dominação e as relações de poder (Chauí, 2012; Marx, 2011).

### **Considerações Finais**

Após a apresentação dos resultados foi possível perceber que a parentalidade exige mudanças consideráveis na rotina e nas prioridades dos sujeitos, além de evocar transformações em suas identidades e subjetividades. Porém, é notável que esse processo se dá de maneira diferente para homens e mulheres, o que demonstra que ele é atravessado significativamente por marcadores de gênero.

Os estereótipos tradicionais de gênero são balizadores das escolhas e atividades exercidas pelo homem/marido/pai e pela mulher/esposa/mãe, fazendo com que em seus discursos e práticas os papéis atribuídos historicamente a cada um dos gêneros sejam reiterados, contribuindo para o movimento de naturalização e de sedimentação desses sentidos no Interdiscurso pela Ideologia. Dessa maneira, não são os sujeitos empíricos que atuam na produção discursiva, mas sim suas

posições discursivas (mulher, homem, mãe, pai, esposa e marido, todos subordinados às FD) que eles ocupam regidas pelas FIs que circunscrevem o que é apropriado para cada uma delas.

Visto isso, pode-se considerar que a divisão sexual do trabalho (homem provedor *versus* mulher responsável pelo espaço doméstico) e o desempenho tradicional da maternidade e da paternidade não se apoiam em definições biológicas ou inatas de homens e mulheres, mas são estabelecidas e justificadas tanto devido às repetições parafrásticas de discursos quanto às reiteraões performatizadas que produzem sentidos e, conseqüentemente, oferecem suporte às relações de poder e dominação entre os gêneros.

Ressalta-se que os marcadores de gênero não são os únicos relevantes na constituição da maternidade e da paternidade, outros aspectos sociais se fazem presentes nesse processo como os de etnia, classe, religião, entre outros, apresentando-se como determinantes das condições de produção dos discursos. Nesse sentido, o recorte específico sobre os aspectos referentes à sexualidade e gênero caracteriza uma limitação do presente estudo, demonstrando a importância da ampliação da investigação sobre essa temática abrangendo outros marcadores sociais envolvidos nesse processo.

Por fim, salienta-se a importância de outros estudos que se debrucem sobre a compreensão do modo pelo qual a linguagem e os discursos oferecem sustentação para as relações de exploração e dominação, compreendendo-a como elemento tanto de manutenção quanto de transformação das práticas sociais. E é pertinente ressaltar que na AD o pesquisador torna-se parte ativa da produção de sentidos nos discursos e também na interpretação dos dados, já que, assim como os participantes o analista do discurso também é interpelado pela Ideologia e atravessado pela linguagem, e nesse sentido, suas interpretações não se esgotam neste estudo.

## Referências

- Althusser, L. (1985). *Aparelhos Ideológicos do Estado: Notas sobre os aparelhos ideológicos do Estado (AIE)*. Rio de Janeiro, RJ: Graal.
- Antoni, C. & Koller, S. H. (2000). A visão de família entre as adolescentes que sofreram violência intrafamiliar. *Estudos de psicologia*, v.5(2), 347-381.
- Beauvoir, S. (1980). *O segundo Sexo: Fatos e Mitos*. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira.
- Biroli, F. (2014). Justiça e Família. In: Miguel, L.F. & Biroli, F. (Org.). *Feminismo e Política* (vol. 1, Ed. 2, p. 47-62). São Paulo: Boitempo.
- Borsa, J. C. & Feil, C. F. (2008). O papel da mulher no contexto familiar: uma breve reflexão. *O portal dos Psicólogos*, v.185, 1-12.
- Butler, J. (2015). *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da identidade*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Caregnato, R. C. A. & Mutt, R. (2006). Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto contexto enfermagem*, v.15(4), 679-684.
- Chauí, M. (2012). *O que é Ideologia?* São Paulo, SP: Brasiliense.
- Dessen, M. A. (2010). Estudando a família em desenvolvimento: desafios conceituais e teóricos. *Psicologia ciência e profissão*, v.30(spe), 202-219.
- Ferreira, A. (2013). *Projeto de lei: Estatuto da Família*.
- Ferreira, G. G. & Aginsky, B. G. (2013). Movimentos sociais de sexualidade e gênero: análise do acesso às políticas públicas. *Revista Katálysis*, v.16(2), 223-232.
- Foucault, M. (2014) *A história da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra.

- França, A. L. & Schimanski, É (2009). Mulher, trabalho e família: uma análise sobre a dupla jornada feminina e seus reflexos no âmbito familiar. *Emancipação*, v.9(1), 65-78.
- Gabatz, R. I. B.; Neves, E. T.; Beuter, M. & Padoin, S. M. M. (2010). O significado de cuidado para crianças vítimas de violência intrafamiliar. *Escola Anna Nery*, v.14(1), 135-142.
- Goldani, A. M. (1993). As famílias contemporâneas no Brasil e o mito da desestruturação. *Cadernos Pagu*, n. 1, 67-110.
- Gomes, A. & Marcos, T. (2007). Do discurso às Formações Ideológica e Imaginária: Análise de discurso segundo Pêcheux e Orlandi. *Revista de Enfermagem da UERJ*, v.15(4), 555-562.
- Kergoat, D. (2009). Divisão sexual do trabalho e relações de sexo. In: Hirata, H.; Laborie, F.; Doaré, H. L. & Senotier, D. (Org.). *Dicionário Crítico do Feminismo* (vol. 1, Ed. 2, p. 67-75). São Paulo: UNESP.
- Lauz, G. V. M. & Borges, J. L. (2013). Concepção de família por parte de crianças em situação de acolhimento institucional e por parte de profissionais. *Psicologia ciência e profissão*, v.33(4), 852-867.
- Lévi-Strauss, C. (1983). Capítulo III: A Família. In: *O olhar distanciado* (vol. 1, Ed. 1, p. 69-98). Lisboa: Edições 70.
- Marx, K. (2011). *O Capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Narvaz, M. G. & Koller, S. H. (2006). A concepção de família de uma mulher-mãe de vítimas de incesto. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v.19(3), 395-406.
- Oliveira, E. P. T. (2009). Mulheres em conflito com a lei: a ressignificação de identidades de gênero em um contexto prisional. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v.9(2), 391-414.
- Orlandi, E. P. (2013). *Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas: Pontes.

- Pêcheux, M. (1997). Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: Gadet, F. & Hak, T. (org). *Por uma análise automática do discurso* (vol. 1, Ed. 3, p. 61-162). Campinas: UNICAMP.
- Pêcheux, M. (2014). *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Unicamp.
- Pires, V. L. & Sobral, A. U. (2013). Implicações do estatuto ontológico do sujeito na teoria discursiva do Círculo Bakhtin, Medvedev, Voloshínov. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, v.8(1), 205-219.
- Ribeiro, J. S. B. (2006). Brincadeiras de meninas e de meninos: socialização, sexualidade e gênero entre crianças e a construção social das diferenças. *Cadernos Pagu*, v.26, 145-168.
- Safiotti, H. I. B. (2001). *O Poder do Macho*. São Paulo: Moderna LTDA.
- Sales, M. S. (2014). O Processo de Constituição da Identidade na Adolescência: trabalho, classe e gênero. *Psicologia & Sociedade*, v.26(3), 161-171.
- Schnorr, G. M. & De Lima, R. C. (1999). Cultura e experiência da infância como prática de libertação. *Filosofia da Libertação*, 36-40.
- Souza, M. & Langaro, F. (2011). Desconstruir para problematizar matrizes identitárias. *Psicologia Ciência e Profissão*, v.31(3), p. 568-581.
- Tfouni, L. V. & Moraes, J. (2003). A família narrada por crianças e adolescentes de rua: a ficção como suporte do desejo. *Psicologia USP*, v.14(1), 65-84.
- Waiselfisz, J. J. (2015). Mapa da violência 2015. *Atualização: homicídios de mulheres no Brasil*.

## **‘Universo Feminino e Masculino’: Análise do Discurso parental sobre meninos e meninas.<sup>2</sup>**

'Female and Male Universe': A Discourse Analysis of boys and girl's parents.

### **Resumo**

Este estudo teve como objetivo identificar quais as Formações Discursivas presentes nos discursos de pais de meninos e meninas sobre o feminino e o masculino. Participaram dele cinco casais heterossexuais, com pelo menos um filho e uma filha. Os dados coletados foram analisados à luz da Análise do Discurso referenciada a Pêcheux, e indicaram que as famílias reproduzem em seus discursos e práticas estereótipos tradicionais de gênero, respondendo a Formação Ideológica heteronormativa, binária e que acentua a dominação do masculino sobre o feminino. Ao final, percebeu-se que a família se caracteriza como importante núcleo interventivo na tentativa de reconfigurar as alternativas discursivas no campo da sexualidade e gênero, criando autonomia e espaços seguros para mulheres e sujeitos dissidentes da heteronorma.

**Palavras-chave:** Família; Sexualidade; Gênero; Análise do Discurso.

### **Abstract**

This study aimed to identify which Discursive Formations presents in the discourses of parents of boys and girls about the feminine and the masculine. Five heterosexual couples participated, with at least one son and one daughter. The collected data were analyzed in the light of the Discourse Analysis referenced to Pêcheux, and indicated that families reproduce in their discourses and practices traditional gender stereotypes (binary ideological formation, heteronormative and domination of male above female). In the end, it was perceived that the family is characterized as

---

<sup>2</sup> Artigo submetido ao periódico Estudos Feministas e aguardando decisão editorial.

an important intervention nucleus in the attempt to reconfigure the discursive alternatives in the field of sexuality and gender, creating autonomy and safe spaces for women and dissident subjects of heteronorma.

**Key words:** Family; Sexuality; Gender; Discourse Analysis.

## **Introdução**

Muitos são os marcadores que se cruzam na formação da identidade humana, como etnia, classe, nacionalidade e os do campo da sexualidade e gênero. Isso implica na recusa da identidade como uma dimensão estática, abrindo espaço para uma concepção fluida e que está intimamente associada às relações estabelecidas ao longo da vida (Oliveira & Leão, 2012).

Dessa forma, a socialização é recurso importante na constituição da subjetividade e da identidade dos sujeitos. Nesse sentido, a família desempenha papel fundamental nesse processo, já que comumente é o primeiro núcleo social no qual os sujeitos estão inseridos, carregando consigo significados e sentidos na constituição do *eu* dos seus membros (Pessoa & Costa, 2014).

A família, assim como outras instituições que organizam a sociedade, produz sentidos e estabelece modelos que possibilitam e cerceiam expressões de gênero, delimitando o que é adequado para homens e mulheres para que eles se enquadrem na *normalidade*. Esse movimento exerce controle sobre a subjetividade e comportamento dos sujeitos, influenciando na constituição de suas identidades (Ferreira & Aginsky, 2013).

Porém, não é apenas na esfera individual que os marcadores de gênero operam, ou seja, eles balizam também o espaço coletivo. A dominação do masculino sobre o feminino, a retirada da autonomia das mulheres e as constantes violências de gênero, por exemplo, não respondem apenas

aos sujeitos que sofrem diretamente com elas, mas ilustram uma ordem social que as legitima (Biroli, 2014).

Por sua vez, a linguagem enquanto discurso (produção de sentidos entre locutores) constitui-se como instrumento essencial tanto na transmissão das normas e modelos que regem as expressões e identidades de gênero quanto no processo de controle que cria a ilusão de que essas normatizações são de cunho individual, apagando sua construção histórica e social, além de ofuscar os mecanismos de poder que ela sustenta (Orlandi, 2013).

Dessa maneira, considerando que o campo da sexualidade e gênero oferece subsídio para relações de dominação e violência, que a família possui papel fundante nas concepções desse campo, além de assegurar que seus membros estejam adequados às normatizações (Foucault, 2014) e que os discursos são recursos chaves para que as hierarquias de poder se estabeleçam sob as cortinas da naturalização e individuação (Foucault, 1996), faz-se relevante compreender de que maneira os pais administram as relações de gênero no processo de socialização, educação e criação de seus filhos.

Portanto, esta pesquisa tem por objetivo identificar quais são as principais Formações Discursivas (FD) presentes nos discursos de pais de meninos e meninas sobre o feminino e o masculino.

## **Método**

### *Tipo de Estudo*

Trata-se de um estudo exploratório, de corte transversal, apoiado na abordagem qualitativa de pesquisa.

### *Participantes*

Cinco casais participaram do estudo, sendo eles compostos por um homem e uma mulher com idades entre 32 e 45 anos. Todos coabitavam há pelo menos dez anos e eram pais de ao menos um menino e uma menina com idades entre quatro e dezesseis anos. O Quadro 1 caracteriza de maneira mais detalhada as famílias que compuseram este estudo.

*Quadro 1. Tabela com as seguintes informações: idade do homem, idade da mulher, tempo de relacionamento e idade e gênero dos filhos.*

<b>Casal</b>	<b>Idade do Homem</b>	<b>Idade da Mulher</b>	<b>Tempo de Relacionamento</b>	<b>Idade e Gênero dos Filhos</b>
Casal 1	43	33	14 anos	Filho 1: Menina, 14 anos; Filho 2: Menino, 10 anos; Filho 3: Menino, 3 anos; Filho 4: Menina, recém-nascida.
Casal 2	32	34	15 anos	Filho 1: Menina, 8 anos; Filho 2: Menino, 5 anos.
Casal 3	39	35	15 anos	Filho 1: Menina, 6 anos; Filho 2: Menino, 4 anos.
Casal 4	42	39	18 anos	Filho 1: Menino, 10 anos; Filho 2: Menina, 8 anos.
Casal 5	45	41	23 anos	Filho 1: Menina 16 anos; Filho 2: Menino, 11 anos.

Ressalta-se que as famílias selecionadas caracterizavam-se de maneira diferente com relação a diversos marcadores sociais, como etnia, classe, escolaridade (tanto dos participantes, quanto dos filhos), religião e, inclusive, moravam em cidades diferentes. Essa medida visa a certificação de que a produção discursiva não ficasse restrita a um grupo muito semelhante entre si, contudo a análise foi mantida sobre os marcadores de sexualidade e gênero, como proposto no objetivo do estudo.

### *Instrumentos*

Foram confeccionados dois roteiros de entrevista semiestruturados para a coleta de dados, sendo um para aplicação individual e outro para a aplicação com o casal. Ambos tratavam da história do casal, da rotina e das relações familiares.

### *Procedimentos*

Os possíveis participantes foram recrutados por meio da rede de contatos dos pesquisadores. Aqueles que respondiam aos critérios de inclusão (casais heterossexuais que coabitassem a pelo menos dez anos e que tivessem, pelo menos, um filho e uma filha entre 4 e 16 anos) foram contatados via telefone, momento no qual lhes foi explicada a proposta da pesquisa e depois feito o convite de participação. Com aqueles que aceitaram participar foram agendados dias e horários para os encontros de coleta de dados.

Durante a coleta de dados foi, inicialmente, solicitado que os participantes lessem e assinassem o termo de consentimento livre e esclarecido. Em seguida as entrevistas eram iniciadas, primeiramente com cada um dos cônjuges na ordem decidida por eles, e depois com o casal. As três entrevistas sempre eram realizadas no mesmo dia, uma em sequência da outra e todas foram audiogravadas com consentimento dos participantes.

Após o fim da coleta de dados, as entrevistas foram transcritas integralmente, impressas e lidas várias vezes, até que os dados pudessem ser organizados para posterior análise a partir da perspectiva teórica da Análise do Discurso de escola francesa.

### *Referencial Teórico*

A Análise do Discurso (AD) parte da premissa de que a linguagem, diferente do que se acredita, não é transparente e, por isso, não acessa o real de maneira objetiva. Dessa maneira, os sentidos não possuem naturalmente uma relação direta e inequívoca com os objetos, mas são produtos históricos e frutos de construções coletivas, os quais servem tanto para comunicar quanto para não comunicar (produzir equívocos) (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014).

Assim, pode-se dizer que se a linguagem não corresponde a uma ligação direta com o mundo, ela se torna possível devido ao estabelecimento de uma ilusão referencial que baliza o processo de comunicação e as produções discursivas: a ilusão de que haveria relação direta entre pensamento-mundo-linguagem, como se cada um deles tivesse seu correspondente direto um no outro (Orlandi, 2013).

Os discursos são compreendidos pela AD como a linguagem colocada em movimento por sujeitos, produzindo efeitos de sentido entre eles. Eles são delimitados pelas condições materiais de produção que determinam as possibilidades discursivas dos sujeitos de acordo com marcadores como “quem diz”, “quando diz”, “de que maneira diz” (Pires & Sobral, 2013). É também por meio deles que os sujeitos demonstram suas filiações ideológicas, bem como as disputas discursivas e ideológicas se manifestam (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014).

Para que os discursos se viabilizem algumas condições são necessárias, dentre elas: o Interdiscurso, caracterizado como a memória discursiva da qual os sentidos são resgatados para que ressoem no aqui e agora; o Esquecimento Número 1, que cria nos sujeitos a ilusão de autoria, ou seja, de que seriam eles (desconsiderando as condições materiais de produção, o Interdiscurso e a interpelação pela Ideologia) o ponto de partida dos discursos; o Esquecimento Número 2, que faz com que os sujeitos acreditem que a única maneira de dizer algo seja com as exatas palavras as

quais utilizaram, possuindo uma relação direta com a ilusão referencial (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014).

Ambos Esquecimentos indicam que, assim como aquilo que é dito, o modo como é dito e o que não é dito também significam, revelando toda possibilidades discursivas que poderiam estar contempladas por aquele discurso. Dessa maneira, as palavras utilizadas para compor determinado discurso não respondem ao acaso, mas sim às determinações materiais a ideológicas que situam os sujeitos em determinadas posições discursivas e não em outras (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014).

Considerar as posições discursivas nas produções da linguagem implica em compreender que, para além dos lugares empíricos ocupados pelos sujeitos, o campo do imaginário também regula as práticas discursivas. Há três Formações Imaginárias importantes, a saber: a Antecipação Imaginária (capacidade de balizar o próprio discurso em resposta ao efeito que se pretende causar no interlocutor); as Relações de Sentido (ligação inevitável de um discurso a outro para que ele faça sentido) e as Relações de Força (jogos de poder que possibilitam, cerceiam e atribuem diferentes pesos e valores a diferentes discursos) (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014).

Todos esses aspectos citados (ilusões, Esquecimentos e Formações Imaginárias) tornam-se possíveis devido à atuação da Ideologia nos processos linguísticos. Ela acarreta a naturalização dos sentidos, apagando suas raízes sociais e históricas ao mesmo tempo em que interpela e constitui os indivíduos em sujeitos, assujeitando-os a essas mesmas condições. Dessa maneira, ao mesmo tempo em que a Ideologia falseia as condições materiais de produção de sentido ela situa os sujeitos histórica, social e culturalmente, porém de maneira inconsciente, estabelecendo a ilusão de autonomia e a do controle dos próprios discursos (Pêcheux, 2014).

Visto isso, é pertinente dizer que o que está em ação na produção de efeitos de sentidos não são os sujeitos a partir de seus lugares empíricos, mas sim a posição discursiva que ocupam e que

é estabelecida pelo jogo imaginário e ideológico que situa os sujeitos dentro de determinada sociedade e cultura (Orlandi, 2013). Uma vez determinados pelas condições materiais de produção os discursos sustentam “essas” e não “aquelas” FDs (possibilidades de dizer) permitidas ou não pela Formação Ideológica (FI) (conjuntura sociohistórica) vigente (Althusser, 2010; Pêcheux, 2014).

A partir dessa perspectiva e desses conceitos os dados coletados passaram por dois momentos na análise: (1) a dessuperficialização do *corpus*, na qual são apontadas as FDs e as incidências do Interdiscurso e do Esquecimento 2, transpondo o material linguístico para objeto discursivo e, em seguida, (2) uma discussão acerca da FI, da Ideologia, do Esquecimento 1 e das Formações Imaginárias as quais balizaram os sentidos constituídos pelo *corpus* (Processo Discursivo) (Gomes, 2007).

### *Aspectos Éticos*

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (CAAE 48934915.3.0000.5154 na Plataforma Brasil).

### **Resultados e Discussão**

Esta seção será fracionada em três momentos. Os dois primeiros tratarão sobre o ‘universo masculino’ e o ‘universo feminino’ descrito pelos pais, buscando identificar as FDs que perpassaram seus discursos, atingindo dessa maneira o objeto discursivo. Em seguida, a terceira sessão será dedicada ao processo discursivo.

#### *O universo Masculino*

Nas entrevistas, os participantes demonstram a ideia de que meninos/homens e meninas/mulheres são diferentes, e essa diferença sustenta-se na diferenciação sexual e de gênero que, por si só, adéqua os sujeitos a determinadas atividades e confere a eles determinados traços de personalidade.

Essa divisão do masculino e do feminino em dois ‘universos’ diferentes, e em muitos momentos opostos, caracteriza a primeira FD (FD1). Ela será discutida nos dois subtópicos (*universo masculino e universo feminino*), mas neste serão priorizados os recortes discursivos que se referem ao masculino. Para exemplificar a FD1 foram recortados os seguintes trechos das entrevistas:

H1: Ah, sempre a gente tá olhando a fase deles, né? Os brinquedos, e.... Menino, dá os de menino, pra menina dá os de menina.

E: E vocês brincam junto com eles de alguma brincadeira?

H1: E aqui, porque menina, brinca tanto faz o... A menina brinca com o do menino, o menino com o da menina, sempre...

E: Dividem entre eles?

H1: Sempre mistura, aí não tem como ter... ‘ah, vou brincar só com o carrinho! Vou brincar só com a boneca’... porque é tudo junto né? Os menino fica os brinquedo tudo... Aí brinca junto. (H1 quando questionado sobre as atividades que costumam fazer com os filhos e os presentes que costumam lhes dar).

Eu só não fiz curso de manicure, de cabeleireiro, mas de resto eu fiz tudo. (H2 quando questionado sobre o que queria ser quando crescesse).

Homem não podia arrumar cama, homem não podia ir pra cozinha. Eu lembro que uma vez eu tava passando meu quimono, e meu pai ficou bravo comigo [...]. (H3 quando questionado sobre a divisão de tarefas em sua casa na infância).

Sempre, sempre tive vontade. Sempre imaginei. Sempre imaginei ter filho e jogar bola com ele, e tal, sempre imaginei.

[...]

E: [...] Você tinha preferência de sexo ou você já imaginava se era menino ou menina?

H2: Não, não imaginava. Eu nunca tive expectativa do que seria. Se for homem, vai chamar tal e eu vou brincar com ele. Se for menina vai chamar tal e ela vai ter as brincadeiras dela, normais [...]. (H2 quando questionado se tinha vontade de ser pai).

Como se pode observar no recorte referente ao H1, apesar das crianças brincarem juntas e dividirem os brinquedos, e isso aparentemente não caracterizar um problema, há aqueles que devem ser direcionados aos meninos e os que devem ser direcionados às meninas. Ele delimita esse espaço quando faz menção às brincadeiras tradicionalmente associadas a cada um dos gêneros (carrinho e boneca). É importante ressaltar que, mais do que um apreço das crianças por determinados brinquedos de acordo com seu gênero, o H1 demarca a ideia de adequação para cada um dos gêneros ('Menino, dá os de menino, pra menina dá os de menina'), ideia que é reafirmada pelo H2 quando diz que apenas não fez curso de manicure e cabeleireiro, e pelo H3 quando fala sobre arrumar a cama, ir para a cozinha e passar roupas, atividades tradicionalmente ligadas ao feminino que, portanto, não cabem na narrativa de vida de um homem e, conseqüentemente, têm reduzida sua possibilidade de surgimento do Interdiscurso (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014).

Além das crianças terem suas atividades circunscritas pelos estereótipos de gênero eles também cerceiam as atividades que podem ou não ser realizadas pelos pais junto aos seus filhos. No caso, o pai brinca com o filho de atividades supostamente apropriadas para o masculino, como quando H2 conta que desejava brincar e jogar bola com o filho ao passo que se fosse uma menina ela teria as brincadeiras 'dela', ou seja, das quais ele não participaria, pois não estão no mesmo 'universo'. Vale ressaltar o uso da palavra 'normal' atribuída às brincadeiras de meninas e meninos, apontando para a naturalização dos estereótipos de gênero e para a atuação do Esquecimento 2 (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014), visto que o H2 poderia ter dito comuns, por exemplo.

Assim como algumas atividades são defendidas como mais apropriadas para meninos há também a suposição de que alguns traços de personalidade lhes são típicos ou recorrentes, o que leva os pais a adotarem posturas diferentes quando estão diante de meninos e meninas (FD2). No que diz respeito ao masculino, pode-se citar os seguintes recortes:

H3: Eu gostava muito de caçar, saía pra caçar no meio do mato, na maior parte das vezes sozinho. Com 7, 8 anos de idade eu já me embrenhava no meio do mato, porque era uma tradição lá em casa [...].

E: E seu pai fazia também, ele tinha esse costume?

H3: [...] Ele tinha, e a criança se espelha no pai, né? Eu não conheço uma *criança* que não gosta de arma, porque ela vê na TV e nos filmes, dá aquela sensação de poder né? Que é uma ilusão, mas dá. Então quando a gente é criança e pega uma metralhadora na mão, é uma coisa que tira o sorriso de qualquer *moleque*[...]. (H3 quando questionado do que costumava brincar quando criança).

H4: Era de ficar (com meninas), não era de levar em casa não. Tinha o péssimo hábito de beber muito com os amigos, tomara que você não tenha isso. Era bagunça.

E: Saía, tinha hora pra voltar pra casa?

H4: Não, não tinha não.

E: Com quantos anos você começou a poder sair, que a mãe começou a liberar mais?

H4: Acho que... com uns 14 anos, 13 anos. Aí já não tinha rédea. (H4 quando questionado sobre sua adolescência).

Fica notável nos discursos que aos meninos são oferecidas autonomia, liberdade e independência antes das meninas, em alguns casos ainda na infância, como demonstrado no relato do H3 quando aos oito anos já acampava sozinho e manuseava armas de fogo. Não há nos discursos acerca do masculino descrição da vigilância ou controle exacerbado dos pais, pelo contrário, os discursos apontam para uma falta deles - como demonstrado pela expressão ‘não tinha rédea’, referida pelo H4.

Outro aspecto importante refere-se ao deslizamento de sentido que ocorre no discurso do H3, o que na AD pode ser denominado metáfora (Orlandi, 2013). Ao falar sobre a ‘sensação de poder’ que qualquer ‘criança’ sente ao ter contato com uma arma de fogo ele desliza o sentido para ‘moleque’ (substantivo masculino), restringindo a ‘sensação de poder’ ao masculino, visto que ele poderia ter mantido a palavra ‘criança’ (acusando novamente o Esquecimento 2) (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014). É pertinente dizer que de fato as possibilidades de sensações como poder, autonomia e liberdade fiquem restritas ao masculino, já que os meninos, segundo os discursos que

compõem este *corpus*, não estão submetidos a vigilância e controle severos dos pais, diferente do que ocorre com as meninas.

Se, de acordo com os participantes há atividades apropriadas para cada um dos gêneros e, conseqüentemente, maneiras adequadas de lidar com cada um dos filhos de acordo com gênero, há também uma presunção dos modelos de relacionamento adequados e, a partir deles estão estabelecidos qual o papel a ser desempenhado por meninos/homens e meninas/mulheres (FD3), como relatado a seguir:

‘F2, eu não quero que você faça isso, tem que pensar que ela é uma menina também. Não quero que você aproveita, não quero’, sabe? Essas coisas assim? Não é porque ele é homem que ele tem o direito. Porque muitas vezes o que acontece? O H2 é assim: A F1 chega falando ‘ai que tenho um amiguinho’, e ele já ‘opa, que amiguinho?’ teve um amiguinho na escola que a mãe tava brincando que ela era namorada dele. Ele já fechou a cara. Aí o F2 chegou esses dias falando da *colega de sala* da sala dele, e ele já deu um sorriso. Opa, mas pera aí! Eu falei, ‘você já parou pra pensar se o pai da menina vai gostar se o pai da menina ouvir que a *colega de sala* é namorada dele?’ (M2 quando questionada sobre o que ela ensina aos filhos).

Então, na minha visão, o que é um erro? Eu não trabalhar a cabeça do meu filho pra que ele não enxergue as mulheres como sendo algo que deveria ter a maior importância na vida dele, porque ele saiu de dentro de uma! Então o respeito que ele tem que ter com uma mulher é idêntico ao que ele tem que ter com a mãe dele, com qualquer mulher que ele encontrar na frente. (H3 quando questionado sobre como ele acredita ser o modo ideal para que uma família se relacione).

Sobre droga! Ou virar \*faz menção gestual à homossexualidade\*, porque hoje em dia, né? Mas não, com eles não, porque tem um Deus e a gente ensinou tudo. Mas com esse mundo lá fora a gente tem medo sim. Com esse mundo nós educa de um jeito, mas lá fora tá de outro, então você não sabe... (M5 ao ser questionada sobre o que seria muito difícil de aceitar de seus filhos).

O primeiro destaque nas falas dos participantes é o de que por serem meninos seus filhos devem se relacionar com meninas/mulheres. Isso fica subentendido nas falas e no único momento em que essa possibilidade é questionada é logo significado como um comportamento considerado inadmissível. Assim, o natural e esperado para ‘bons meninos/homens’ é que eles se relacionem

com meninas/mulheres. Dessa maneira, pode-se dizer que os sentidos resgatados do Interdiscurso (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014) pelos pais concebem apenas relacionamentos heterossexuais no campo do normal ou aceitável.

Os discursos também denunciam os papéis que devem ser ocupados pelos meninos/homens em seus relacionamentos com meninas/mulheres: os meninos/homens são aqueles que têm autonomia sobre as meninas/mulheres, aqueles que podem se aproveitar delas. Porém, como apresentado nas falas da M2 e do H3, não devem fazê-lo para que sejam ‘bons rapazes’. Esse aspecto fica tão evidente nos discursos dos participantes que M2 ao questionar o H2 sobre sua atitude diferente mediante a mesma situação com os filhos, não pergunta sobre o que a possível ‘namorada’ do F2 pensa sobre o título que lhe foi empregado, mas sim o quanto seu pai estaria confortável com ele.

Também é possível perceber no recorte do H3 uma metáfora (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014) em que ele desliza o sentido de ‘mulher’ para ‘mãe’, associando o espaço de importância e respeito ao feminino à maternidade, como se por serem mães (reais ou potencias) as mulheres devessem ser respeitadas por seu filho, e não por serem, por exemplo, cidadãs, pessoas ou seres humanos.

Vistas as FDs sobre o ‘universo masculino’, pode-se compreender que, segundo os sentidos produzidos pelos pais, há atividades e brincadeiras, como jogar bola ou brincar com carrinhos, mais adequadas a meninos (FD1), porque eles são naturalmente diferentes das meninas e, conseqüentemente, devem ter essas diferenças consideradas em sua educação. Dentre as diferenças de socialização e de educação é possível citar que aos meninos é oferecida maior liberdade e autonomia (FD2) e, dessa maneira, não ficam sob vigilância severa e constante dos pais. Essas diferenças refletem nos relacionamentos afetivos estabelecidos pelos meninos/homens (FD3), nos

quais eles ocupam papel de autonomia e escolha, porém devem escolher respeitar as meninas/mulheres para que sejam considerados (significados como) bons rapazes.

### *O universo Feminino*

As mesmas FDs que perpassam os discursos dos pais sobre seus filhos persistem em relação às filhas, porém com diferenças no que se considera natural e apropriado a elas. Dessa forma, os participantes também revelam que existem algumas atividades e características próprias do ‘universo feminino’ (FD1) que se justificam apenas pelo fato de serem meninas/mulheres, como é possível observar nos fragmentos a seguir:

Eu gosto assim, de mais organizado, e ela já não. Se precisar de deixar uma roupa ali, ela deixa. Questão de casa que a mulher tem mais, e o homem... Ele é o que deixa, né? Não sei se é porque minha madrinha pegou no meu pé! Aí ela, hoje pegou o marido e uma boa dona de casa! (H1 quando questionado sobre o que é mais difícil de lidar na M1).

Mas assim, desde pequena eu tive essa vontade. É uma coisa meio caseira, assim, sabe? De comidinhas, de cozinhas, e hoje eu faço pedagogia, então tudo tá relacionado com essas brincadeiras, né? (M2 quando questionada sobre como ela acreditava que seria sua vida quando era criança).

Ah, sempre tive vontade de ter primeiro uma menina, porque lá em casa sempre foi só homem, então era só arma, putaria, então eu queria ter uma menina pra arrumar o cabelo, alguma coisa feminina. E foi bacana, né? Porque eu achava que ia aprender um pouco mais sobre as mulheres tendo uma menina. Porque é onde você aprende a tratar uma mulher, tendo uma filha. Antes disso não! Você pode até achar que sabe, mas você não sabe, né? As mulheres é, elas têm uma forma de ver a vida totalmente diferente da nossa. Então quando você tem uma filha ela compartilha, sem medo de ser feliz, tudo o que ela vê! E é onde você começa a ver, né? Tantos erros que você cometeu no passado com mulheres porque não sabia que elas pensavam assim, tão diferente da gente. (H3 quando questionado sobre suas expectativas em relação ao sexo dos filhos).

A F1 sempre foi muito tranquila, ela gostava muito de filme, e gostava muito de boneca. Hoje ela ainda gosta de bebezinho, de bonequinha, ela gosta de andar de bicicleta, de ir no pula-pula, ela nada... Aí ela vai trocar de roupa, e fica se maquiando. Aí ela se maquia, ela ama se maquiar! Ela é apaixonada em maquiagem, ela é supervaidosa! E o cabelo dela, nossa! Ela tem o cabelo meio

grande, encaracolado. E o F2 já é coisa de arma, de arco e flecha, é pula-pula que tem em casa [...]. (M3 quando questionada sobre o que os filhos gostam de brincar).

Os recortes discursivos reafirmam a ideia de que existem divergências entre os gêneros sustentadas a partir da diferenciação entre meninos/homens e meninas/mulheres. Isso fica bastante evidente quando o H1 deixa subentendido que a mulher tem mais facilidade em lidar com a organização da casa em relação ao homem. Dessa forma, quando a M1 não abarca esse aspecto em sua personalidade isso não é tratado como uma característica sua, mas sim como uma falta, algo que deveria fazer parte dela por ser mulher, mas não faz. Outro aspecto importante na fala do H1 diz respeito ao fato de que quando ele vai referir-se a si mesmo como alguém que cuida da casa, ele utiliza a expressão ‘dona de casa’, no feminino, o que indica a dificuldade de resgatar no Interdiscurso (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014) sentidos que associem o masculino às atividades domésticas.

Além das atividades domésticas (comidinhas, cozinhas) também ficam associadas ao feminino, no discurso dos pais, aquelas que remetem ao cuidado (de bonecas e de bebês) e as que dizem respeito à estética, como cuidados com o cabelo, moda e maquiagem. Essas atividades fazem menção aos sentidos comumente resgatados do Interdiscurso (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014) sobre o feminino relacionados com a maternidade e com a vaidade e o suposto senso estético inerente à feminilidade.

A diferenciação entre o ‘universo masculino’ e o ‘universo feminino’ fica evidente no discurso do H3 quando ele estabelece uma distância tão grande entre os supostos polos que o feminino pode ser compreendido por um homem apenas na condição da paternidade. E, nesse ‘universo feminino’ há um modo específico de pensar e interpretar o mundo, porém que é compartilhado por todas que nele se encontram, ou seja, segundo a fala do H3 você aprende a

‘tratar uma mulher’ quando se torna pai. Isso indica que, segundo seu discurso, existiria uma maneira correta de tratar as mulheres por serem mulheres, isto é, uma perspectiva generalista de tratamento baseada apenas na diferenciação de gênero.

Se é perceptível que os pais traçam diferenças na percepção sobre filhos e filhas, conseqüentemente eles acreditam que existem traços de personalidade inerentes a cada um dos gêneros, além de maneiras específicas de lidar com cada um, adotando posturas e aplicando métodos de educação e criação que acreditam ser consonantes com essas diferenças (FD2). Alguns deles podem ser exemplificados pelos seguintes trechos:

Eu, olhando ela, de fora, eu não vejo uma pessoa casada, não vejo como uma pessoa que vai ter um relacionamento, porque ela é uma pessoa muito que a opinião dela tem que prevalecer, e é difícil você encontrar uma outra pessoa que aceite isso, né? É mais fácil uma mulher ceder do que um homem. Então eu vejo que pra ela é difícil, ela não aceita ser mandada, sabe essas pessoas assim? Então eu realmente não vejo isso pra ela, assim. (M2 falando sobre a irmã).

A mulher ela é mais... A natureza feminina é mais delicada. Então fala assim ‘arruma aquela cortina ali’, eu puxo a cortina e viro as costas e vou embora. Não vou colocar assim, bonitinho, pras pessoas chegarem e verem. [...] A mulher ela é mais detalhista nesse sentido, delicada e tal. (H2 sobre atividades que a mulher faz melhor que o homem).

Então foi por isso. A minha irmã casou com 19 anos. Ela casou muito cedo por causa disso, por essa pressão! A gente não podia passear, a gente não podia sair, a gente queria sair e não podia. Geralmente a gente falava ‘Pai, a gente vai em tal lugar...’ por exemplo, a Exposição, porque antigamente aqui tinha Exposição, e ele chegava e falava ‘meia noite vocês têm que estar de volta’, ‘mas meia noite, pai?’ O show nem começou!’, então sempre foi essa luta. (M2 contando sobre sua relação com o pai).

O meu pai era muito protetor. Muito ciumento! Então eu só saía, que eu me lembro, eu só saía com ele! As vezes eu ia na praça com minhas amigas, comer um lanche, mas ele levava e buscava. Hã... Quando eu... cheguei aos meus 15 anos, e foi a minha festa de 15 anos, eu disse que eu queria ir numa boate. E aqui tinha uma boate, na época, *nome da boate*, do *dono da boate*, e meu pai perguntou ‘vocês querem festa de 15 anos?’, e eu falei ‘não! Quero ir pruma boate!’, porque ele nunca tinha deixado ir [...] aí ele falou ‘Tudo bem, mas o seu irmão vai!’. Então eu tinha 15 anos e o meu irmão 19. (M3 quando questionada sobre sua adolescência).

Ah, adolescência foi dose, né?! Horário pra sair, horário pra chegar, viagens perdidas de oitava série, de colegial. (M4 contando sobre sua adolescência).

Os recortes apontam para uma vigilância intensa dos pais em relação às filhas. Há nos relatos regras severas e proibições constantes, restringindo consideravelmente até a adolescência as possibilidades de circulação das meninas/mulheres em ambientes que não o doméstico. Os discursos apontam para uma necessidade de que elas estejam sob o olhar constante de outros homens, na justificativa de cuidar ou protegê-las, como quando M3 classifica seu pai como ‘protetor’.

É importante ressaltar que segundo o não-dito que permeia essa FD (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014) a vigilância das meninas/mulheres deve ser realizada por homens, como é possível notar na fala de M3, para quem quando o pai não as observa diretamente essa tarefa é designada ao seu irmão, também homem. E, para deixar as amarras da vigilância constante do pai é necessário que as meninas/mulheres encontrem um companheiro, ou seja, outro homem que as acompanhe dali por diante, como relatado por M2 sobre o casamento considerado ‘cedo’ da irmã para que ela pudesse se livrar da ‘pressão’ exercida pelo pai.

Outro aspecto relevante aponta para a crença de que a mulher possui um traço de submissão e delicadeza inerente à sua condição feminina, o que possibilita que ela se relacione com homens; já as mulheres que não aceitam ‘ser mandadas’ não estão aptas a um relacionamento. Esse aspecto fica aparente no recorte da fala da M2 quando diz que é difícil encontrar ‘outra’ *pessoa* que aceite o fato da opinião do outro prevalecer, porém logo em seguida ela afirma que mulheres fazem esse movimento com frequência (‘É mais fácil uma mulher ceder do que um homem’), logo, é possível compreender que não é difícil encontrar outra pessoa, mas sim um homem que ocupe a posição discursiva (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014) de submissão em um relacionamento. Nessa produção

discursiva o não-dito (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014) denota os papéis a serem desempenhados por meninos/homens e meninas/mulheres nos relacionamentos afetivos nos quais a opinião masculina deve prevalecer e a mulher deve ceder.

Ao passo que os participantes atribuem atividades, aptidões e traços de personalidade ao feminino, a partir deles eles presumem modelos de comportamento e de relacionamentos que correspondem a essa lógica (FD3), como exposto nos fragmentos seguintes:

Você sabe que a mamãe não gosta desse tipo de palavreado, porque a mamãe já te explicou o porquê a mamãe não gosta. A mamãe não gosta de certos tipos de comportamentos, de ficar levantando a perna pra cima... Você é uma mocinha! Você tem que se comportar como uma mocinha. Não que você não tenha o direito de brincar, de pular, mas tudo tem limite F1', explico tudo isso pra ela. (M2 falando sobre o relacionamento dos filhos com os colegas).

'F1, você precisa ter muito cuidado com os rapazes, você não pode deixar ele aproveitar, pra te fazer de boba, pra isso' [...] Hoje em dia não tem mais homem assim, é difícil você achar uma pessoa que te respeita, que respeita as pessoas. Porque hoje em dia homem só pensa em uma coisa, eles não querem nem saber o que você tá pensando, o que ele tá fazendo, o que ele tá causando na sua vida. Eles não querem nem saber, eles só querem saber do momento em que eles tão vivendo. E aí quem fica machucada? A mulher, coitada, sempre. Porque entra de cabeça em um relacionamento achando que vai dar tudo certo, e no final das contas dá tudo errado. Eu não quero isso, não quero que o F2 seja assim, sabe? Não quero que ele faça isso, esse tipo de coisa, e nem quero que a F1 passe por esse tipo de coisa. (M2 sobre o que ela acredita ser importante que os filhos saibam).

Assim, meu pai, por mais que ele tenha sido superprotetor, por mais que na época você se sente sufocada, mas hoje eu vejo que foi bacana! Porque ele me preservou como mulher, de que ele não deixava eu ir em qualquer lugar com o meu namorado, ele não deixava eu viajar. (M3 sobre a educação que recebeu dos pais).

Não, eu já conversei muito com ela, igual agora ela tá namorando, não deixar né? Você pode fazer tudo, menos sexual, né? Isso aí. (M5 sobre o que é importante ensinar especificamente para cada um dos filhos).

De início é possível dizer que, segundo os recortes, as mulheres precisam se resguardar e se preservar, principalmente no que tange a esfera da sexualidade. Esses cuidados que visam preservar a figura feminina determinam o modo de se falar, sentar, brincar, aonde podem ir, com

quem podem ir e como (não devem) se relacionar sexualmente. Todas essas restrições e normativas estão enraizadas apenas na diferenciação de gênero, ou seja, no fato de que esses sujeitos, especificamente, são meninas ('você tem que se comportar como uma mocinha'/ 'ele me preservou como mulher').

Dessa maneira, quando os sentidos sobre ser menina/mulher são resgatados do Interdiscurso (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014) eles apontam para uma perspectiva generalista do feminino, respondendo a posição discursiva menina/mulher e não empiricamente às meninas (filhas) em questão, o que ilustra também o funcionamento do Esquecimento 2 (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014), pois a mãe poderia justificar sua reprovação pelo comportamento de levantar às pernas com os dizeres 'é falta de educação', por exemplo, mas o faz com base na posição discursiva ocupada pelo feminino ('mocinha') e no Interdiscurso que disponibiliza os modos como uma menina deve se comportar.

Por isso resta à mulher comportar-se da maneira correta e ter cuidado para que se relacione com um homem ('bom rapaz') que a respeite, já que as possibilidades de tomada de decisão (inclusive sobre respeitá-la ou não) e a autonomia dentro dos relacionamentos ficam reservadas à posição discursiva ocupada pelo masculino. A condição de passividade reservada à mulher em seus relacionamentos com homens fica ilustrada de forma clara quando a M2 demarca o espaço do seu filho como alguém que pode fazer (ou não) determinadas ações com suas futuras companheiras, ao passo que a filha está à mercê ('não quero que F1 passe por esse tipo de coisa') das possíveis ações tomadas por seus futuros companheiros.

Por fim, pode-se recuperar das FD sobre o feminino que há atividades para as quais, por serem meninas/mulheres, elas estão mais aptas ou são mais adequadas para sua condição feminina, como atividades relacionadas ao cuidado com a casa, com crianças e de cunho estético, além de

traços de personalidade inerentes ao ser menina/mulher, como delicadeza e fragilidade (FD1). A crença nesses determinantes faz com que os pais, principalmente o pai/homem, adotem posturas específicas mediante a educação das filhas, normalmente mais vigilantes e controladoras, cerceando sua autonomia e sua liberdade (FD2). E, por fim, há papéis apropriados a serem desempenhados pelas mulheres, inclusive em seus relacionamentos afetivos e sexuais que perpassam o modo como se comportam, onde e com quem podem transitar e como se relacionam, apontando para uma passividade, submissão e necessidade de preservação do que é pertinente ao ‘universo feminino’ (FD3).

#### *Processo Discursivo*

As FD constituídas no *corpus* apontam para uma FI (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014) binarista (que concebe as possibilidades de expressão de gênero restritas a dois polos opostos, sendo eles o feminino e o masculino) e heteronormativa (considera normal/natural orientações sexuais que respondam a heterossexualidade, dessa maneira, homens devem se relacionar apenas com mulheres e vice-versa) (Butler, 2015).

Essas ementas apontam para o início bastante precoce do controle dos corpos e dos sujeitos por meio da sexualidade que dita com quem e como devem se relacionar afetivamente/sexualmente, balizando essas proibições e permissões com base em determinantes de normalidade ou de patologias/desvios (Foucault, 2014). Dessa maneira, assim que nasce o sujeito é lançado em uma rede de discursos (Relação de Sentido) que preexistem a ele e que definirão suas possibilidades de existência com base nos sentidos produzidos previamente sobre o sexo que lhe foi designado a partir da observação de sua anatomia (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014).

Esse ponto faz-se importante para questionar o aspecto biológico que sustenta as argumentações acerca das divisões de tarefas e atribuições de características às meninas/mulheres e meninos/homens, que têm como referência dois polos opostos denominados neste estudo de ‘universo feminino’ e ‘universo masculino’, quando, o que ocorre de fato é uma reiteração constante dos estereótipos de gênero construídos socialmente e que são internalizados pelos sujeitos em suas práticas. O que se pretende dizer aqui é que não se é feminino/masculino, mas a feminilidade e a masculinidade são performatizadas nas relações de gênero (Butler, 2015).

Os discursos possuem papel fundamental no processo de naturalização que transmuta aquilo que é construído no coletivo e produto sócio-histórico (linguagem) para um suposto lugar biológico e inerente (anatômico) aos gêneros. A repetição parafrástica dos discursos que reafirmam, com respaldo na aparente transparência da linguagem, os sentidos que correspondem a FI vigente (binária, heteronormativa e de dominação masculina) atribui a eles status de verdade, fazendo com que mediante as Relações de Força ganhem maior peso em detrimento de ideologias que questionam e oferecem outras possibilidades de compreensão e de expressão tanto para o masculino, quanto para o feminino (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014).

Assim como dito anteriormente, ao nascer o sujeito é lançado em uma rede de sentidos que não é inaugurado e nem se encerra nele; dessa forma, além de ter determinações anteriores que gerenciam suas possibilidades de ser, o Interdiscurso e a FI também determinaram as condições materiais de produção discursiva de cada sujeito, delimitando o que pode ou não ser dito por eles a partir de suas posições históricas, sociais e culturais (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014). Por isso, nem tudo pode ser dito por qualquer um, em qualquer circunstância e sobre qualquer coisa, havendo interdições constituídas no social e na história que circunscrevem os discursos de cada sujeito

(Foucault, 1996); e, como visto, algumas dessas interdições respondem às FDs que remetem ao campo da sexualidade e de gênero.

Visto isso, compreende-se que determinados sentidos são permitidos e outros vetados às meninas/mulheres e aos meninos/homens, fazendo com que os mesmos discursos se tornem recorrentes para/sobre determinados sujeitos com base em seu gênero, sedimentando os sentidos já determinados no Interdiscurso e tornando difícil o resgate de outras possibilidades discursivas, até que elas atinjam uma aparente naturalidade (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014).

O discurso recorrente, inclusive o desta pesquisa, de que mulheres são delicadas, frágeis, submissas e têm mais habilidade, naturalmente, para lidar com a casa e cuidar dos filhos, assim como o de que homens são mais independentes, fortes, fazem decisões mais acertadas, lidam melhor com o poder e com atividades como dirigir e manusear armas (Safiotti, 2001) não se respalda, portanto, nas habilidades empíricas e naturais desses sujeitos, mas sim em uma produção histórica de sentidos sedimentados no Interdiscurso e sustentam uma FI de dominação do masculino sobre o feminino (Beauvoir, 1980; Bordieu, 2002; Safiotti, 2001).

Não é ao acaso que determinadas características e tarefas são designadas às mulheres e homens, pois o modo como são distribuídas respalda a divisão sexual do trabalho a partir da qual as mulheres são responsáveis pelo cuidado doméstico enquanto os homens ocupam o papel do provedor, delimitando as mulheres aos espaços de reprodução enquanto aos homens ficam designados os de produção (Desouza, Baldwin & Rosa, 2000; Kergoat, 2009). Essa lógica não só sustenta a dominação do masculino sobre o feminino como também sustenta a organização social do trabalho, em que cada sujeito ocupa o seu lugar na produção, mantendo o regime de lucro e exploração funcionando (Chauí, 2012; Marx, 2011).

Nesse processo de transmissão de valores e normas a respeito da sexualidade e gênero a família ganha destaque, pois a ela vai ser designado o dever de gerar sujeitos ajustados às regras sociais que ditam o que é ‘normal’ ou não dentro desse campo (Foucault, 2014; Longaray & Ribeiro, 2015; Soliva, & Júnior, 2014). Vários estudos apontam a relevância da família no processo de formação da Identidade de Gênero de seus filhos e na expressão de sua sexualidade (Binstock & Gogna, 2015; Savegnago & Arpini, 2014; Savegnago & Arpini, 2016; Segovia & Caro, 2015).

Quando compreendemos o discurso como a produção de sentidos entre locutores (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014) constata-se que ele pode ser constituído de qualquer materialidade que produza sentido como a fala, a escrita, os símbolos, os gestos e, inclusive, a práxis humana (Caregnato & Mutt, 2006). Dessa maneira, não apenas as falas e orientações objetivas dos pais aos filhos no contexto familiar interfere na constituição dos sentidos sobre sexualidade e gênero, mas também o modo tradicional como as famílias se organizam (Botton, Cúnico, Barcinski et al, 2015; Carvalho & Loges, 2014; Senkevics & De Carvalho, 2015). Segundo as FDs desta pesquisa pode-se ver que todas as famílias se organizam de maneira tradicional, na qual a mãe se dedica aos cuidados dos filhos e o pai provê financeiramente a família, cristalizando esses sentidos sobre os papéis femininos e masculinos e contribuindo para o fortalecimento da FI que os circunscrevem.

Visto isso, é pertinente dizer que por meio dos discursos, em suas diversas possibilidades de materialização, constituem-se Formações Imaginárias (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014) que estabelecem como uma mulher ou um homem devem se comportar, como devem se sentir, quais atividades devem realizar, com quem e como devem se relacionar e quais traços de personalidade devem sustentar. Dizer isso significa que o que rege as relações e a constituição dos sujeitos não são seus lugares empíricos, mas sim o imaginário que corresponde as posições discursivas que eles ocupam em determinada FI (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014).

Dessa forma, ao nascer os indivíduos são interpelados em sujeitos pela Ideologia, que ao mesmo tempo em que os situa em uma produção de sentidos sócio-histórica determinando suas possibilidades de produção e de existência a partir das posições discursivas que ocupam, oferece à linguagem uma suposta transparência, naturalizando os sentidos produzidos até então para que eles assumam o caráter de verdade ou obviedade. Esse processo é perpassado pelo Esquecimento Número 1 que faz com que os sujeitos acreditem em sua própria autonomia e liberdade de escolha, como se suas produções discursivas tivessem início neles mesmos e não em uma memória discursiva (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014). Reflexo disso é a crença dos participantes de que, por exemplo, a submissão feminina é um traço de personalidade das mulheres, ignorando o fato de que todas cresceram sob intensa vigilância e controle dos pais, ou o desejo pela maternidade como um sonho particular, mas precedido por brincadeiras e incentivos que têm íntima ligação com ser mãe.

Por fim, é possível dizer que a família ainda exerce, de forma inconsciente, um papel de controle e de reprodução dos sentidos produzidos sobre sexualidade e gênero tradicionais, contribuindo para a cristalização da FI vigente que cerceia e recrimina, muitas vezes de maneira violenta, mulheres e dissidentes da heteronormatividade. Porém é possível notar uma maior disponibilidade dos pais em ampliar as possibilidades discursivas sobre esse tema, aparentando ser uma importante instituição para o desenvolvimento de ações (e quiçá de políticas públicas) que visem romper com a produção parafrástica dos sentidos sedimentados sobre sexualidade e gênero, iniciando um processo polissêmico que produza novos sentidos e, conseqüentemente, novas possibilidades de expressão e existência para os sujeitos (Beauvoir, 1980; Bordieu, 2002; Safiotti, 2001).

## **Considerações Finais**

Em uma FI que restringe as possibilidades de expressão da sexualidade e de gênero e que sustenta a dominação do masculino sobre o feminino é importante pensar em alternativas que ofereçam respaldo às mulheres e aos que são dissidentes das normas estabelecidas, garantindo a eles um desenvolvimento digno e seguro, além da necessidade de ampliar as possibilidades de ocupar espaços de produção social por esses sujeitos.

Esta pesquisa demonstrou que a família se apresenta como uma instituição de relevância na constituição e no desenvolvimento dos sujeitos, sendo permeada por concepções tradicionais de expressão de gênero que influenciam significativamente na formação da Identidade de Gênero de seus membros, reforçando estereótipos construídos historicamente sustentados por um processo de biologização do sexo/gênero.

É importante, sobretudo, pensar em propostas de estudos que abarquem também os discursos dos outros membros das famílias, como os filhos e quaisquer outros sujeitos que componham o núcleo familiar, possibilitando perspectivas mais abrangentes de compreensão da produção de sentidos sobre gênero e sexualidade nessa instituição.

Ainda assim, notou-se que a família constitui-se como um importante contexto de intervenção de políticas públicas que busquem reconfigurar as alternativas discursivas e práticas no campo da sexualidade e gênero, pois além de se caracterizar como relevante rede de apoio para os sujeitos que, de alguma maneira, são penalizados pela FI vigente, ela se apresenta como instituição capaz de ampliar suas possibilidades de existência e atuação social, em uma produção polissêmica de sentidos que altere as posições discursivas já cristalizadas para homens e mulheres.

## Referências

- Althusser, L. (1985). *Aparelhos Ideológicos do Estado: Notas sobre os aparelhos ideológicos do Estado (AIE)*. Rio de Janeiro, RJ: Graal.
- Beauvoir, S. (1980). *O segundo Sexo: Fatos e Mitos*. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira.
- Binstock, G. & Gogna, M. (2015). La iniciación sexual entre mujeres de sectores vulnerables en cuatro provincias argentinas. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, (20), 113-140.
- Biroli, F. (2014). Autonomia, dominação e opressão. In: Miguel, L.F. & Biroli, F. (Org.). *Feminismo e Política* (vol. 1, Ed. 2, p. 109-122). São Paulo: Boitempo.
- Bordieu, P. (2002). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil.
- Botton, A.; Cúnico, S. D.; Barcinski, M. & Strey, M. N. (2015). Os papéis parentais nas famílias: analisando aspectos transgeracionais e de gênero. *Pensando famílias*, v.19(2), 43-56.
- Butler, J. (2015). *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da identidade*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Caregnato, R. C. A. & Mutt, R. (2006). Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto contexto enfermagem*, v.15(4), 679-684.
- Carvalho, M. P.; Loges, T. A. & Senkevics, A. S. (2016). Famílias de setores populares e escolarização: acompanhamento escolar e planos de futuro para filhos e filhas. *Revista Estudos Feministas*, v.24(1), 81-99.
- Chauí, M. (2012). *O que é Ideologia?* São Paulo, SP: Brasiliense.
- Desouza, E.; Baldwin, J. R. & Rosa, F. H. (2000). A construção social dos papéis sexuais femininos. *Psicologia: reflexão e crítica*, v.13(3), 485-496.
- Ferreira, G. G. & Aginsky, B. G. (2013). Movimentos sociais de sexualidade e gênero: análise do acesso às políticas públicas. *Revista Katálysis*, v.16(2), 223-232.

- Foucault, M. (1996). *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola.
- Foucault, M. (2014) *A história da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra.
- Gomes, A. & Marcos, T. (2007). Do discurso às Formações Ideológica e Imaginária: Análise de discurso segundo Pêcheux e Orlandi. *Revista de Enfermagem da UERJ*, v.15(4), 555-562.
- Kergoat, D. (2009). Divisão sexual do trabalho e relações de sexo. In: Hirata, H.; Laborie, F.; Doaré, H. L. & Senotier, D. (Org.). *Dicionário Crítico do Feminismo* (vol. 1, Ed. 2, p. 67-75). São Paulo: UNESP.
- Longaray, D. A. & Ribeiro, P. R. C. (2015). Espaços educativos e produção das subjetividades gays, travestis e transexuais. *Revista Brasileira de Educação*, v.20(62), 723-747.
- Marx, K. (2011). *O Capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Oliveira, M. A. C. & Leão, A. L. M. S. (2012). Sendo aos olhos do outro: o papel da alteridade na construção da identidade metrossexual. *Revista de Administração*, v.47(2), 264-274.
- Orlandi, E. P. (2013). *Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas: Pontes.
- Pêcheux, M. (2014). *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Unicamp.
- Pessoa, C. T. & Costa, L. H. F. M. (2014). Constituição da identidade infantil: significações de mães por meio de narrativas. *Psicologia escolar e educacional*, v.18(3), 501-509.
- Pires, V. L. & Sobral, A. U. (2013). Implicações do estatuto ontológico do sujeito na teoria discursiva do Círculo Bakhtin, Medvedev, Voloshínov. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, v.8(1), 205-219.
- Safiotti, H. I. B. (2001). *O Poder do Macho*. São Paulo: Moderna LTDA.

Savegnago, S. D. O. & Arpini, D. M. (2014). Conversando sobre sexualidade na família: olhares de meninas de grupos populares. *Cadernos de Pesquisa*, v.43(150), 924-947.

Savegnago, S. D. O. & Arpini, D. M. (2016). A abordagem do tema sexualidade no contexto familiar: o ponto de vista de mães de adolescentes. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v.36(1), 130-144.

Segovia, J. S. & Caro, L. M. (2015). Ideales regulatorios sobre embarazo y maternidad en hombres y mujeres jóvenes del norte de Chile. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, (21), 197-224.

Senkevics, A. S. & De Carvalho, M. P. (2015). Casa, rua, escola: gênero e escolarização em setores populares urbanos. *Cadernos de Pesquisa*, v.45(158), 944-968.

Soliva, T. B. & Júnior, J. B. S. (2014). Entre revelar e esconder: pais e filhos em face da descoberta da homossexualidade. *Sexualidad, Salud y Sociedad-Revista Latinoamericana*, (17), 124-148.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO

A realização dos estudos possibilitou não só observar os discursos produzidos pelos homens e pelas mulheres participantes, mas compreender de que maneira os sentidos sobre alguns aspectos que envolvem o campo da sexualidade e do gênero são produzidos, reiterados e cristalizados no contexto familiar. Foi possível perceber a Relação de Sentidos (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014) entre as produções discursivas, demonstrada na interdependência entre os discursos para que eles se sustentem e façam sentido, como por exemplo: (a) discurso sobre as consequências graves do afastamento da mãe no desenvolvimento dos filhos; (b) fortalecimento do discurso de sacralidade do papel materno e (c) legitimação do discurso sobre a pertença feminina ao espaço privado.

Estes discursos relacionam-se subsidiando o Imaginário que baliza a posição discursiva mãe/mulher e, simultaneamente, legitimam também os sentidos produzidos acerca do masculino, pois se, por exemplo, o espaço doméstico deve ser resguardado ao feminino, cabe ao masculino a ocupação das esferas públicas e de produção. Esses apontamentos indicam a ausência de ponto de partida, bem como de linha de chegada para os discursos, demonstrando as determinações do Interdiscurso e das condições de produção sobre o que deve, pode ou não pode ser dito pelos sujeitos de acordo com suas posições discursivas (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014).

Dessa maneira, os estudos aqui apresentados contribuem para a compreensão da linguagem como ferramenta de construção e organização das práticas sociais, estereótipos de gênero e relações de poder, bem como de aspectos preponderantes na constituição das subjetividades e identidades dos sujeitos. Além disso, também foi possível destacar que as possibilidades de produção e transmissão de sentidos não ficam restritas ao que é dito, mas se estendem para o modo como as relações intrafamiliares se estabelecem e aos modelos adotados para a organização da rotina

familiar, os quais expandem ou limitam as possibilidades discursivas de seus membros (Caregnato & Mutt, 2006).

Assim como a linguagem, a família destacou-se como uma importante instituição para compreender e repensar os sentidos produzidos sobre sexualidade e gênero até então. A articulação que ela permite entre o público e o privado e entre o individual e o coletivo faz com que ela represente possibilidade de reconfiguração tanto nas produções discursivas dos sujeitos que a compõem (refletindo diretamente em suas identidades), quanto dos modelos e práticas que normatizam as relações entre os gêneros.

Além disso, a família caracteriza-se como importante núcleo de socialização ao longo do desenvolvimento humano (Pessoa & Costa, 2014), podendo se significado nesse processo como ambiente de acolhimento e aceitação (Lauz & Borges, 2013) ou de rejeição e violência (Waiselfisz, 2015). Nesse sentido, é importante oferecer subsídios para que as famílias se configurem cada vez mais como contexto capaz de produzir rede de apoio a mulheres e sujeitos dissidentes da heteronorma, abrindo possibilidades para que eles ocupem lugares que até então lhes foram tolhidos respaldados no suporte que os laços familiares são capazes de oferecer, garantindo segurança, saúde (física e mental) e a dignidade aos sujeitos em questão.

Para esse fortalecimento da família como instituição capaz de produzir, receber e integrar em sua constituição e práticas novos sentidos sobre as relações de gênero, é preciso abandonar a perspectiva de que ela é um ambiente inacessível pelo externo. A ideia de que a família é um núcleo autogestor sobre o qual não é possível intervir, dificulta a elaboração de medidas que a envolvam como elemento importante no percurso que busca maior equidade nas relações de gênero, além de favorecer o estabelecimento de relações hierárquicas de poder que podem, inclusive, prejudica-las (Biroli, 2014).

Os estudos aqui apresentados colaboram para a discussão da família como possibilidade interventiva, rompendo a lógica de inacessibilidade que a circunscreve e disponibilizando os discursos e os modos de produção de sentido sobre as relações de gênero em seu interior. Uma vez expostos, esses discursos e práticas podem ser repensados e utilizados como referência para o desenvolvimento de recursos e políticas públicas que fomentem a equidade e diversidade de gênero, suprimindo a violência e a discriminação.

É importante ressaltar que é preciso ampliar a abrangência sobre os sujeitos produtores de discursos no e sobre o contexto familiar, estas pesquisas dedicaram-se a ouvir apenas pais e mães. Dessa maneira, faz-se necessário ouvir outros sujeitos a respeito do modo como os sentidos são produzidos tanto sobre a própria família como instituição, quanto sobre o modo como acreditam que ela se relaciona com aspectos da sexualidade e gênero, por exemplo, sujeitos que lidem de maneira direta ou indireta com ela (como profissionais da saúde e da educação), outros membros (filhos, avós, entre outros) e outros arranjos familiares que não o nuclear burguês.

Outro fator importante a ser investigado em estudos posteriores trata-se da interseccionalidade (Kerner, 2012) como determinante nas condições de produção do discurso dos sujeitos (Orlandi, 2013; Pêcheux, 2014). Foi possível notar que os sentidos produzidos sobre sexualidade e gênero pelos participantes, mesmo que sempre remontando a modelos tradicionais, respondiam também a outros marcadores sociais como os de classe e etnia, o que os destaca como aspectos relevantes nessas investigações.

Por fim, pretende-se com os estudos aqui apresentados fomentar discussões que estabeleçam pontes entre a instituição familiar, o campo da sexualidade e gênero e a linguagem. Consequentemente subsidiar a elaboração de propostas e políticas públicas que promovam transformação nos moldes tradicionais e opressores que balizam as relações entre os gêneros,

rompendo com a lógica de produção social de homens, heterossexuais e cisgêneros para homens, heterossexuais e cisgêneros e transitando para uma produção que abarque à diversidade, não só do campo da sexualidade e gênero, mas humana, que se dê por todos e para todos.

## REFERÊNCIAS

- Althusser, L. (1985). *Aparelhos Ideológicos do Estado: Notas sobre os aparelhos ideológicos do Estado (AIE)*. Rio de Janeiro, RJ: Graal.
- Antoni, C. & Koller, S. H. (2000). A visão de família entre as adolescentes que sofreram violência intrafamiliar. *Estudos de psicologia*, v.5(2), 347-381.
- Beauvoir, S. (1980). *O segundo Sexo: Fatos e Mitos*. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira.
- Binstock, G. & Gogna, M. (2015). La iniciación sexual entre mujeres de sectores vulnerables en cuatro provincias argentinas. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, (20), 113-140.
- Biroli, F. (2014). Autonomia, dominação e opressão. In: Miguel, L.F. & Biroli, F. (Org.). *Feminismo e Política* (vol. 1, Ed. 2, p. 109-122). São Paulo: Boitempo.
- Biroli, F. (2014). Justiça e Família. In: Miguel, L.F. & Biroli, F. (Org.). *Feminismo e Política* (vol. 1, Ed. 2, p. 47-62). São Paulo: Boitempo.
- Bourdieu, P. (2002). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil.
- Borsa, J. C. & Feil, C. F. (2008). O papel da mulher no contexto familiar: uma breve reflexão. *O portal dos Psicólogos*, v.185, 1-12.
- Botton, A.; Cúnico, S. D.; Barcinski, M. & Strey, M. N. (2015). Os papéis parentais nas famílias: analisando aspectos transgeracionais e de gênero. *Pensando famílias*, v.19(2), 43-56.
- Butler, J. (2015). *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da identidade*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Caregnato, R. C. A. & Mutt, R. (2006). Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto contexto enfermagem*, v.15(4), 679-684.

- Carvalho, M. P.; Loges, T. A. & Senkevics, A. S. (2016). Famílias de setores populares e escolarização: acompanhamento escolar e planos de futuro para filhos e filhas. *Revista Estudos Feministas*, v.24(1), 81-99.
- Chauí, M. (2012). *O que é Ideologia?* São Paulo, SP: Brasiliense.
- Desouza, E.; Baldwin, J. R. & Rosa, F. H. (2000). A construção social dos papéis sexuais femininos. *Psicologia: reflexão e crítica*, v.13(3), 485-496.
- Dessen, M. A. (2010). Estudando a família em desenvolvimento: desafios conceituais e teóricos. *Psicologia ciência e profissão*, v.30(spe), 202-219.
- Ferreira, A. (2013). *Projeto de lei: Estatuto da Família*.
- Ferreira, G. G. & Aginsky, B. G. (2013). Movimentos sociais de sexualidade e gênero: análise do acesso às políticas públicas. *Revista Katálysis*, v.16(2), 223-232.
- Foucault, M. (1996). *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola.
- Foucault, M. (2014) *A história da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra.
- França, A. L. & Schimanski, É (2009). Mulher, trabalho e família: uma análise sobre a dupla jornada feminina e seus reflexos no âmbito familiar. *Emancipação*, v.9(1), 65-78.
- Gabatz, R. I. B.; Neves, E. T.; Beuter, M. & Padoin, S. M. M. (2010). O significado de cuidado para crianças vítimas de violência intrafamiliar. *Escola Anna Nery*, v.14(1), 135-142.
- Goldani, A. M. (1993). As famílias contemporâneas no Brasil e o mito da desestruturação. *Cadernos Pagu*, n. 1, 67-110.
- Gomes, A. & Marcos, T. (2007). Do discurso às Formações Ideológica e Imaginária: Análise de discurso segundo Pêcheux e Orlandi. *Revista de Enfermagem da UERJ*, v.15(4), 555-562.

- Kergoat, D. (2009). Divisão sexual do trabalho e relações de sexo. In: Hirata, H.; Laborie, F.; Doaré, H. L. & Senotier, D. (Org.). *Dicionário Crítico do Feminismo* (vol. 1, Ed. 2, p. 67-75). São Paulo: UNESP.
- Kerner, I. (2012). Tudo é Interseccional? Sobre a relação entre racismo e sexismo. *Novos Estudos*, v.93, 45-58.
- Lauz, G. V. M. & Borges, J. L. (2013). Concepção de família por parte de crianças em situação de acolhimento institucional e por parte de profissionais. *Psicologia ciência e profissão*, v.33(4), 852-867.
- Lévi-Strauss, C. (1983). Capítulo III: A Família. In: *O olhar distanciado* (vol. 1, Ed. 1, p. 69-98). Lisboa: Edições 70.
- Longaray, D. A. & Ribeiro, P. R. C. (2015). Espaços educativos e produção das subjetividades gays, travestis e transexuais. *Revista Brasileira de Educação*, v.20(62), 723-747.
- Marx, K. (2011). *O Capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Narvaz, M. G. & Koller, S. H. (2006). A concepção de família de uma mulher-mãe de vítimas de incesto. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v.19(3), 395-406.
- Oliveira, E. P. T. (2009). Mulheres em conflito com a lei: a resignificação de identidades de gênero em um contexto prisional. *Revista Brasileira de Lingüística Aplicada*, v.9(2), 391-414.
- Oliveira, M. A. C. & Leão, A. L. M. S. (2012). Sendo aos olhos do outro: o papel da alteridade na construção da identidade metrossexual. *Revista de Administração*, v.47(2), 264-274.
- Orlandi, E. P. (2013). *Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas: Pontes.
- Pêcheux, M. (1997). Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: Gadet, F. & Hak, T. (org). *Por uma análise automática do discurso* (vol. 1, Ed. 3, p. 61-162). Campinas: UNICAMP.

- Pêcheux, M. (2014). *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Unicamp.
- Pessoa, C. T. & Costa, L. H. F. M. (2014). Constituição da identidade infantil: significações de mães por meio de narrativas. *Psicologia escolar e educacional*, v.18(3), 501-509.
- Pires, V. L. & Sobral, A. U. (2013). Implicações do estatuto ontológico do sujeito na teoria discursiva do Círculo Bakhtin, Medvedev, Voloshínov. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, v.8(1), 205-219.
- Ribeiro, J. S. B. (2006). Brincadeiras de meninas e de meninos: socialização, sexualidade e gênero entre crianças e a construção social das diferenças. *Cadernos Pagu*, v.26, 145-168.
- Safiotti, H. I. B. (2001). *O Poder do Macho*. São Paulo: Moderna LTDA.
- Sales, M. S. (2014). O Processo de Constituição da Identidade na Adolescência: trabalho, classe e gênero. *Psicologia & Sociedade*, v.26(3), 161-171.
- Savegnago, S. D. O. & Arpini, D. M. (2014). Conversando sobre sexualidade na família: olhares de meninas de grupos populares. *Cadernos de Pesquisa*, v.43(150), 924-947.
- Savegnago, S. D. O. & Arpini, D. M. (2016). A abordagem do tema sexualidade no contexto familiar: o ponto de vista de mães de adolescentes. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v.36(1), 130-144.
- Schnorr, G. M. & De Lima, R. C. (1999). Cultura e experiência da infância como prática de libertação. *Filosofia da Libertação*, 36-40.
- Segovia, J. S. & Caro, L. M. (2015). Ideales regulatorios sobre embarazo y maternidad en hombres y mujeres jóvenes del norte de Chile. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, (21), 197-224.
- Senkevics, A. S. & De Carvalho, M. P. (2015). Casa, rua, escola: gênero e escolarização em setores populares urbanos. *Cadernos de Pesquisa*, v.45(158), 944-968.

Soliva, T. B. & Júnior, J. B. S. (2014). Entre revelar e esconder: pais e filhos em face da descoberta da homossexualidade. *Sexualidad, Salud y Sociedad-Revista Latinoamericana*, (17), 124-148.

Souza, M. & Langaro, F. (2011). Desconstruir para problematizar matrizes identitárias. *Psicologia Ciência e Profissão*, v.31(3), p. 568-581.

Tfouni, L. V. & Moraes, J. (2003). A família narrada por crianças e adolescentes de rua: a ficção como suporte do desejo. *Psicologia USP*, v.14(1), 65-84.

Waiselfisz, J. J. (2015). Mapa da violência 2015. *Atualização: homicídios de mulheres no Brasil*.